



# FRAUDE CAPITALISTA E OUTROS ESCRITOS





# Wirtschaftliche und sozialpolitische Rundschau.

### Ausweidung der Wohlverhältnisse.

Im Reichsland und im Reichsland 1908 kamen alle Käufer mit erhöhter Begehr zu dem erhöhten Einkommen, die ein gesteigertes Gehalt mit die Wohlverhältnisse

... als ein Zeichen dafür, daß das zehnte Jahr der wirtschaftlichen Fortschritt in der Produktion und im Handel ...  
... und alle im Jahre 1908, das bis zu dem zehnten Jahr der wirtschaftlichen Fortschritt in der Produktion und im Handel ...  
... und alle im Jahre 1908, das bis zu dem zehnten Jahr der wirtschaftlichen Fortschritt in der Produktion und im Handel ...

... in die Statistik der Wohlfühlenden ...  
... die Wohlfühlenden ...  
... die Wohlfühlenden ...

... die Wohlfühlenden ...  
... die Wohlfühlenden ...  
... die Wohlfühlenden ...

### Sojales.

Der Gewerkschaften und Gewerkschaften ...  
... der Gewerkschaften ...  
... der Gewerkschaften ...

	1907	1908
In Oberdeutschland	2,75 Mr.	2,75 Mr.
in Deutschland	2,80 Mr.	2,80 Mr.
Zusammen	2,85 Mr.	2,85 Mr.

Es nimmt nur die Wohlfühlenden in dem am meisten ...  
... der Wohlfühlenden ...  
... der Wohlfühlenden ...

Im Wirtschaftlichen der Wohlfühlenden ...  
... der Wohlfühlenden ...  
... der Wohlfühlenden ...

### Ein Werk für die Arbeiter.

Der Chicago-Zweig des ...  
... der Chicago-Zweig ...  
... der Chicago-Zweig ...

In Millionen Gulden	
Die Vertriebenen in Deutschland	2,150
in Österreich	2,150
in Frankreich	2,150
in England	2,150
in Belgien	2,150

121 Arbeiter ...  
... der Arbeiter ...  
... der Arbeiter ...

In Millionen Gulden	
Die Vertriebenen in Deutschland	2,150
in Österreich	2,150
in Frankreich	2,150
in England	2,150
in Belgien	2,150

Das ist ein ...  
... der Wohlfühlenden ...  
... der Wohlfühlenden ...

### amerikanischen Mittel.

Der ...  
... der Wohlfühlenden ...  
... der Wohlfühlenden ...

... der Wohlfühlenden ...  
... der Wohlfühlenden ...  
... der Wohlfühlenden ...



Rosa Luxemburgo

## **FRAUDE CAPITALISTA E OUTROS ESCRITOS**

Organização, apresentação e tradução de Rosa Rosa Gomes





Copyright @ 2021 Maria Antonia Edições

Direitos reservados  
Maria Antonia Edições  
Contato: mariaantoniaedicoes@riseup.net

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Luxemburgo, Rosa  
Fraude capitalista e outros escritos/Rosa Luxemburgo; tradução Rosa  
Rosa Gomes. 1. ed. São Paulo: Maria Antonia Edições, 2021.  
(Coleção clássicos rebeldes; 1)

Título original: *Wirtschaftliche und sozialpolitische Rundschau*

ISBN: 978-65-992401-1-9

1. Economia 2. Geopolítica (2º grau) 3. Imperialismo 4. Socialismo  
I. Gomes, Rosa Rosa. II. Título III. Série.

21-54845

CDD-338.9

---

Índices para catálogo sistemático: 1. Geopolítica: Economia 338.9

Elaborado por Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



Esta publicação foi realizada com o apoio da Fundação Rosa Luxemburgo e fundos do Ministério Federal para a Cooperação Econômica e de Desenvolvimento da Alemanha (BMZ). O conteúdo da publicação é responsabilidade exclusiva da Maria Antonia Edições e não representa necessariamente a posição da FRL.

Printed in Brazil 2021





## SUMÁRIO

**APRESENTAÇÃO** Rosa Rosa Gomes |9|

**NOTA DA TRADUÇÃO** |21|

**PANORAMA ECONÔMICO E SOCIOPOLÍTICO I** |23|

I. Fraude Capitalista |23|

II. Miséria dos Funcionários Públicos na França |25|

III. A Indústria de Ferro Russa |28|

IV. Construções Hidroviárias na América do Norte |31|

V. Para que a política colonial? |34|

VI. O Desenvolvimento Econômico dos Estados Unidos |38|

VII. Obras Colossais do Capitalismo |41|

VIII. Quem precisa ser salvo do alcoolismo? |44|

IX. Introdução da Estatística de Greve do Reich |46|

X. Trabalho de mulheres e crianças |50|

XI. Transformações no Mercado Mundial |53|

**PANORAMA ECONÔMICO E SOCIOPOLÍTICO II** |57|

I. Pequena e Grande Empresa em Berlim |57|

II. O Censo na França |62|

III. A Nova Tributação Empresarial na Rússia |65|

IV. Deslocamento no Mercado Mundial |67|

V. Os Trabalhadores dos Estados Unidos e a Política de Anexação |72|

**PANORAMA ECONÔMICO E SOCIOPOLÍTICO III** |75|

I. Política Colonial Sensacional |75|







- II. Sobre a Questão do Empobrecimento |78|
- III. O Desarmamento Russo |83|
- IV. Crescente Prosperidade do Povo |85|
- V. Um Cartel Mundial de Cereais? |91|
- VI. Crítica |95|
- VII. O Projeto de Lei para o *Reichsbank* |106|
- VIII. Nova Era na Política Alfandegária Cubana |111|

#### **PANORAMA ECONÔMICO E SOCIOPOLÍTICO IV |117|**

- I. Uma Questão de Estatização |117|
- II. Do País das Revoltas de Fome e do Anarquismo |122|
- III. Sabedoria dos Professores Franceses sobre o Marxismo |126|











## APRESENTAÇÃO

ROSA ROSA GOMES

Em 1898, a doutora em Ciência Política pela Universidade de Zurique e fundadora do SDKPiL (Social-Democracia do Reino da Polônia e Lituânia), Rosa Luxemburgo, chegou à Alemanha determinada a ingressar no maior partido social-democrata da época, o SPD (Partido Social-Democrata Alemão).

É importante dizer que, no final do século XIX, o movimento social-democrata era sinônimo de socialismo. Apenas depois da Primeira Guerra Mundial é que a social-democracia virou sinônimo de reformismo e o termo passou a ser usado, muitas vezes de modo pejorativo, para se referir a pessoas que não pertencem à esquerda revolucionária.

O parêntese acima tem tudo a ver com a discussão que os textos aqui traduzidos pela primeira vez no Brasil trazem, pois eles fazem parte desse momento de transformação.

A Alemanha unificou-se em 1871 com a liderança do chanceler Otto von Bismarck, formando o II Império, sob o domínio da Prússia. A Constituição de 1871 instituiu o voto direto e secreto para o parlamento para homens acima de 25 anos, nascidos e residentes na Alemanha, e estabeleceu uma união federativa de estados germânicos (reinos, ducados,





principados, cidades-estado). Cada um desses estados possuía o seu próprio sistema eleitoral, em geral menos abrangente que o do parlamento, mas reunidos sob essa instituição nacional, o *Reichstag* (parlamento imperial alemão).

O SPD foi fundado em 1875 como Partido Socialista dos Trabalhadores da Alemanha, mas colocado na ilegalidade entre 1878 e 1890 com as Leis Antissocialistas de Bismarck. Com a abolição dessas leis em 1890, foi-lhe permitida uma atuação parlamentar própria, com propaganda e participação nas eleições, apresentando sua própria legenda. O partido progrediu no número de deputados (de 35, em 1890, para 56, em 1898), o que, somado a um período de prosperidade econômica na Europa, levou a grandes debates no campo socialista sobre os rumos do capitalismo e as tarefas da social-democracia.

Rosa Luxemburgo apresentou-se no SPD em meio a esse debate e ao processo eleitoral de 1898. Recém-chegada, ela queria participar da campanha no Ruhr, maior região mineradora da Alemanha, mas o partido a encaminhou para a região polonesa ocupada pelo Reich, a Oberschlesien. Luxemburgo não ficou tão empolgada com a designação, mas junto com August Winter, nascido na região da Silésia, conseguiu um grande número de votos para o partido naquela área. Com essa atividade, conquistou seu lugar como oradora e agitadora da organização<sup>1</sup>.

---

1. Annelies Laschitzka, *Im Lebensrauch trotz alledem*.





Naquele mesmo momento, Luxemburgo iniciou sua batalha dentro das fronteiras do partido, travando debate com um de seus grandes teóricos, Eduard Bernstein, tido quase como um herdeiro de Friedrich Engels, com quem chegou a conviver em Londres.

O *debate Bernstein* tornou-se intenso no final do século XIX com a publicação de uma série de artigos escritos por ele na revista teórica do partido *Die Neue Zeit*, entre 1896 e 1898. Na série intitulada *Problemas do Socialismo*, publicada entre 1896 e 1897, ele defendeu que o desenvolvimento do capitalismo havia gerado a expansão das classes médias e não da classe trabalhadora e que o mercado mundial expropriaria uma parte do lucro dos rentistas, porque já não seria mais possível reduzir os salários dos trabalhadores dado o desenvolvimento e o acúmulo de forças do movimento operário. Por isso, segundo Bernstein, a social-democracia deveria ter como objetivo a criação de cooperativas de produção.

Essas ideias, entre outras publicadas em 1898, despertaram grande polêmica no meio socialista. Vários artigos foram publicados com contra-argumentos, um deles de Plekhanov, também na *Die Neue Zeit*. Rosa Luxemburgo achou o texto de Plekhanov muito ruim e publicou cem páginas de crítica no jornal *Leipziger Volkszeitung*, páginas essas que formariam a primeira parte da futura brochura *Reforma Social ou Revolução*. O texto foi muito elogiado



por líderes social-democratas, como August Bebel, Clara Zetkin e Franz Mehring<sup>2</sup>.

Enquanto ocorria esse debate na imprensa, a redação do jornal *Sächsischer Arbeiter-Zeitung* estava sendo desmantelada e os redatores chefes, Parvus<sup>3</sup> e Julian Marchlewski<sup>4</sup>, precisavam se retirar da Saxônia por causa da perseguição política do governo. Os dois acharam que Rosa Luxemburgo seria uma boa escolha para ocupar o posto de redatora-chefe, que ela assumiu em setembro de 1898, pouco antes do congresso do partido<sup>5</sup>.

No congresso, realizado em Stuttgart entre 3 e 8 de outubro de 1898, a polêmica revisionista esteve no centro dos debates e de forma acalorada.

A discussão inicial foi sobre o resultado das eleições daquele mesmo ano. O SPD havia aumentado em 21 deputados o seu número de parlamentares, mas uma série de questões ficaram no ar: o que isso representava? Poderiam ter conseguido mais cadeiras? A decisão do congresso anterior de o partido não se aliar a liberais em casos de segundo turno havia sido respeitada? Qual seria a forma certa de

---

2. Annelies Laschitza, *op. cit.*

3. Alexander Helphand (1867-1924) nasceu na Rússia e era mais conhecido como Parvus. Era reconhecido como um teórico e político importante pela social-democracia alemã.

4. Julian Marchlewski (1886-1925) nasceu na Polônia e era tintureiro. Conheceu Luxemburgo em Zurique em 1893 e fundou com ela, e outros companheiros, o SDKPiL. Pertenceu à Liga Spartakus e trabalhou até a morte para a diplomacia soviética.

5. Annelies Laschitza, *op. cit.*



agitação? Qual era o impacto político dessa vitória para a construção da revolução?

A questão da tática adotada na eleição de 1898 é, na verdade, a questão de quais eram os objetivos do partido e qual a sua estratégia, pois como Rosa Luxemburgo apontou em uma de suas falas nesse congresso, era apenas o objetivo final socialista que tornava revolucionários as greves, o sindicalismo e a agitação eleitoral; do contrário, esses instrumentos poderiam inclusive se voltar contra os trabalhadores. É dessa forma que reforma e revolução deveriam se unir: lutar por melhorias dentro do Estado capitalista sem perder a perspectiva da luta de classes e do combate a este mesmo Estado e ao *status quo*.

O resultado das discussões foi que Bebel adiou qualquer resolução sobre a questão para o ano seguinte, incluindo-a na pauta do congresso de 1899, sob o título “Os ataques às ideias fundamentais e a posição tática do partido”.

Além das polêmicas no congresso, Luxemburgo também enfrentou problemas como redatora-chefe do *Sächsischen Arbeiter-Zeitung*, em Dresden (cidade pela qual foi delegada no congresso de 1898), onde permaneceu de 25 de setembro de 1898 a 5 de novembro de 1898. Durante esse período ela enfrentou Gradnauer<sup>6</sup>, que mandou uma réplica para o jornal se defendendo de críticas feitas a ele

---

6. Georg Gradnauer (1866-1946?) nasceu em Magdeburg. Foi redator do *Sächsischen Arbeiterzeitung* entre 1891 e 1896, indo trabalhar para o Vorwärts. Foi também parlamentar do Reichstag de 1898 a 1907 e de 1912 a 1918.







no congresso de Stuttgart. Esse primeiro texto Luxemburgo publicou, mas não o segundo, levando o caso para a Comissão de Imprensa do partido, após denúncia de seus colegas. Rosa utilizou o próprio veículo para se defender, publicando em um artigo que o tipo de política de Gradnauer, visando a conciliar e a apagar as diferenças que saltaram aos olhos em Stuttgart, deveria ser veementemente combatido. Bernstein e sua turma não deveriam ser tolerados no partido, pois defendiam ideias que iam contra o programa e o marxismo.

Companheiros de redação não gostaram de sua postura, taxando-a de tirana, e a Comissão de Imprensa deu razão a eles; segundo os críticos, Luxemburgo teria se seduzido pelo cargo de chefia. No final, ela se retirou da função, mas seu sucessor, Georg Ledebour<sup>7</sup>, concretizou sua ideia de uma coluna com notícias de diversas partes do mundo, a *Panorama Econômico e Sociopolítico*<sup>8</sup>.

Essa é a origem dos escritos que seguem traduzidos. Impedida de dirigir o jornal da maneira como achava melhor, tendo sido criticada em grande parte por ser mulher, Luxemburgo se volta ao trabalho de jornalista e escritora, o que ajudava a pagar parte de suas contas. Nesse momento, volta-se a acontecimentos da economia política da época. E em cada um dos artigos estão presentes o debate do

7. Georg Ledebour (1850-1947) nasceu na Alemanha e foi comerciante em Hannover. Entrou para o SPD em 1891 e foi deputado no *Reichstag* entre 1900 e 1918. Foi para a oposição quando começou a I Guerra Mundial.

8. Annelies Laschitza, *op. cit.*





revisonismo e as transformações do capitalismo na “Era dos Impérios”. Lembrando que, segundo Michael Krätke, esses artigos também fazem parte de um momento de suspensão do debate: todos aguardavam o anunciado livro de Eduard Bernstein, publicado no começo de 1899: *Pressupostos do Socialismo e as Tarefas da Social-democracia*.

Os *Panoramas* foram publicados entre dezembro de 1898 e março de 1899 e cobrem uma grande diversidade de temas e regiões do mundo. Isso, por si só, demonstra o quanto Luxemburgo estava informada sobre os acontecimentos mundiais e de que maneira os relacionava à política operária. Segundo Laschitza, nesses artigos Rosa Luxemburgo se concentra em três pontos: 1) acontecimentos econômicos da atualidade; 2) importantes novidades relacionadas à técnica que dissessem respeito ao desenvolvimento do capitalismo; 3) políticas sociais que falassem sobre os avanços das reformas sociais ou da luta de classes. Para Michael Krätke, o que salta aos olhos nessa sequência de artigos é a forma aguçada como Luxemburgo percebe o desenvolvimento dos Estados Unidos e a centralidade que ganhavam na economia mundial, transformando-se no centro dela, superando a hegemonia da Inglaterra.

Mas, além disso, esses artigos dão materialidade aos argumentos levantados por Rosa Luxemburgo para combater as ideias revisionistas de Bernstein e outros membros do SPD. Ao se concentrar nesses três pontos





citados por Laschitzka, a autora busca enfatizar com base na realidade que o desenvolvimento do capitalismo só pode ter como fim o socialismo, resultado da luta da classe operária. É disso que Luxemburgo trata a todo o momento. Mesmo quando parece apenas divagar sobre questões morais da época como o alcoolismo, o central é que a sociedade burguesa tende à degeneração por sua hipocrisia, inclusive em questões de comportamento, como a relação com a bebida e a família. A salvação da humanidade só pode estar, portanto, no operariado.

É claro que o texto é filho de uma época, de um debate, de uma conjuntura e de uma pessoa específica. Vê-se como Luxemburgo trata a questão das tarifas alfandegárias, defendendo a liberdade de comércio e os impactos positivos que esta teria para os trabalhadores, leitura que sofrerá mudanças ao longo das décadas.

É, pois, necessário colocar o texto em seu contexto. Naquele momento, as organizações socialistas cresciam na Europa central, o movimento operário se expandia, a II Internacional parecia unificar todo o proletariado em um movimento único acima das nacionalidades<sup>9</sup>. Ao menos era essa a política que Luxemburgo defendia e vivia. Por outro lado, o movimento operário estava centrado nas campanhas eleitorais, na busca por mais

---

9. Talvez venha daí a necessidade de pensar um mercado mundial de verdade, sem fronteiras econômicas.





direitos políticos, acreditando que este seria um passo importante para a transformação social. O tempo das barricadas parecia estar no passado. Tanto que nestes textos, Luxemburgo enfatiza a necessidade de fortalecimento da organização. Muito diferente do que ela defenderá depois da Revolução Russa de 1905 e das lutas que ocorreram na Europa naquele momento.

Percebe-se também nestes textos que o mesmo argumento que justificava a leitura revisionista de Bernstein e de outros serve para defender a necessidade do socialismo e, por isso, mostram que muitas divergências são problemas relativos ao tamanho da lente. Ao se aproximar demais de um objeto, perde-se a noção de totalidade. Isso acontece com as análises do revisionismo sobre o empobrecimento das massas e a expansão das camadas médias, argumentos rebatidos aqui por Luxemburgo. Ela também apresenta as inovações tecnológicas da Segunda Revolução Industrial, principalmente o desenvolvimento dos transportes, como fatores de expansão do capitalismo que devem ser incorporados pelos trabalhadores, pois o socialismo “não deve girar a roda da história para trás”, mas incorporar os avanços dessa sociedade em uma formação social sem exploração do trabalho. É claro que se percebe aqui também uma leitura utópica do progresso, problematizada por militantes da época, especialmente após a I Guerra Mundial.





Ela assinala nessas análises de conjuntura o impacto dos impostos, da concorrência mundial e do sistema financeiro nas condições de vida da classe trabalhadora. Esses temas serão mais bem arranjados no livro *A Acumulação do Capital*, mas aqui ela apresenta análises sobre eles ao escrever sobre a reforma tributária na Rússia e enfatizar a importância dos camponeses, esses sim a principal fonte de recursos do Estado. Da mesma forma, a concorrência mundial é um fator que aparece constantemente nessas análises, apresentando-se como elemento central da cartelização e da organização empresarial.

Posteriormente, Luxemburgo entenderá que a concorrência é o elemento central no capitalismo de sua época, já o cartel era apenas uma consequência daquele mecanismo. Nesse sentido, em *Acumulação*, Luxemburgo caracteriza o imperialismo como o momento da disputa dos países capitalistas no palco mundial. No contexto dos artigos, as tarifas alfandegárias, os empréstimos e o militarismo são instrumentos de especial valor. É possível ver nessa série de textos aqui traduzidos, o início da observação da autora que servirá depois para a elaboração de sua teoria econômica. Não que eles tenham se desenvolvido linearmente até a elaboração da grande teoria. Mas foram o começo de uma reflexão. Através deles é possível ver que ela não ignorava a existência dos cartéis, mas os abandona na sua formulação teórica, por entender que não eram a essência do sistema, mas um resultado.







Os textos de análise econômica aqui apresentados, em muitos momentos, se mostram bastante atuais: o empobrecimento relativo dos trabalhadores, o desenvolvimento tecnológico como meio de expansão do capitalismo, questões tributárias, deslocamento da economia mundial (estariamos nos virando para o Oriente?), ideologia acadêmica da burguesia sobre os processos econômicos, o empresário autônomo. Estes textos, muito datados, nos revelam que muitos dos mecanismos do capitalismo no final do século XIX estão ainda atuantes, deixando claro seu caráter sistêmico.

Talvez, mesmo uma leitura de viés mais acadêmico, para o historiador, não deixe de ser um retrato econômico de uma época que teima em nos dizer que ainda vivemos sob o capitalismo, que o trabalho explorado não irá acabar apenas pelas contradições internas do sistema e que o capitalismo não vai devolver aos seres humanos a sua dignidade.





## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORN, Karl Erich. *Von der Reichsgründung bis zum Ersten Weltkrieg*. Handbuch der deutschen Geschichte, Band 16. München, Deutschen Taschenbuch Verlag, s.d.

BREMBERGER, Marília Pássaro. As Leis Antissocialistas de Bismarck. *Mouro Revista Marxista*, ano 4, n. 7, set. 2012, p. 155-166.

FAULKNER, Harold Underwood. *Historia Económica de los Estados Unidos*. Buenos Aires, Editorial Nova, 1956.

HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Impérios (1875-1914)*. São Paulo, Paz e Terra, 2013.

LASCHITZA, Annelies. *Im Lebensrausch, trotz alledem. Rosa Luxemburg, eine Biographie*. Berlim, Aufbau Taschenbuch Verlag, 1996.

LUXEMBURG, Rosa. *Gesammelte Werke*. Berlim, Dietz Verlag, v. 1/1, 1974.

ROBERTS, William (Org.). *American Federation of Labor: History, encyclopedia and reference book*. Washington, American Federation of Labor, 1919.

SANDRONI, Paulo. *Novíssimo Dicionário de Economia*. São Paulo, Editora Best Seller; Círculo do Livro, 1999.

WINKLER, Heinrich A. *Der lange Weg nach Westen*. C. H. Beck, 2010.





## NOTA DA TRADUÇÃO

Os textos foram publicados originalmente no jornal *Sächsische Arbeiter-Zeitung*, de Dresden, em diversos números, conforme segue:

- Primeira sequência de artigos, do I ao IV publicados no n. 281 de 4 de dezembro de 1898.
- Primeira sequência de artigos, do V ao VIII publicados no n. 287 de 11 de dezembro de 1898.
- Primeira sequência de artigos, do IX ao XI publicados no n. 293 de 18 de dezembro de 1898.
- Segunda sequência de artigos, do I ao III publicados no n. 300 de 28 de dezembro de 1898.
- Segunda sequência de artigos, IV e V publicados no n. 6 de 07 de janeiro de 1899.
- Terceira sequência de artigos, do I ao III publicados no n. 19 de 24 de janeiro de 1899.
- Terceira sequência de artigos, IV e V publicados no n. 24 de 29 de janeiro de 1899.
- Terceira sequência de artigos, o VI foi publicado no n. 31 de 07 de fevereiro de 1899.
- Terceira sequência de artigos, VII e VIII publicados no n. 37 de 14 de fevereiro de 1899.





- Quarta sequência de artigos, I e II publicados no n. 43 de 21 de fevereiro de 1899.
- Quarta sequência de artigos, o III foi publicado no n. 54 de 07 de março de 1899.

As palavras em *itálico* foram mantidas conforme a fonte de tradução. As notas dessa tradução estão assinaladas com N. da T. e as notas indicadas como notas das fontes originais, de Rosa Luxemburgo, assinaladas como N. R. L.





# PANORAMA ECONÔMICO E SOCIOPOLÍTICO I

## I

### FRAUDE CAPITALISTA

Mesmo quando o enriquecimento capitalista segue dentro das normas, pelo caminho do “trabalho empresarial sério”, isto é, pela acumulação capitalista industrial, ele é tremendamente parecido com o roubo. O capital acumulado, “economizado” na indústria, não é nada mais que o trabalho não pago, trabalho extenuante do trabalhador. Mas a economia capitalista criou, ao lado desse método principal de viver legalmente às custas dos outros, toda uma massa de outras formas de adquirir fortuna sem levantar um dedo e, também, sem deixar outros trabalharem diretamente e, claro, sem entrar em conflito com a legislação vigente. Para isso servem todas as instituições acionárias especulativas. Recentemente, em Berlim, foi fundada uma instituição extremamente característica desse modelo sob o nome de Aedes, Sociedade Anônima de Seguros para Instituições Modernas. O objetivo da sociedade, de acordo com a propaganda, é: “segurar os proprietários de terras contra as consequências crescentes do não pagamento dos juros das hipotecas sobre suas terras e regiões (*Oblasten*<sup>1</sup>)”.

---

1. N. da T.: *Oblast* é uma subdivisão administrativa criada no Império Czarista e que existe também em outros países eslavos.







Sabe-se quais as consequências do não pagamento dos juros de hipotecas: administração judicial e execução hipotecária do terreno. Agora, como alguém que não paga as dívidas de sua hipoteca pode ser “segurado” das consequências desse processo é algo que foge à compreensão humana normal. Apenas uma coisa é clara: é preciso produzir dinheiro de alguma maneira e, para isso, ações são ofertadas até mesmo ao público. Para tanto, como de costume nessas questões, são utilizados anúncios em farta quantidade, assim, se encontra um ou outro pequeno burguês que cai nas teias e aplica seus “economizados vinténs” em ações. Mas o que ele adquire com uma tal ação não é uma parte de uma riqueza realmente produzida e existente, como nas ações industriais, e sim dívidas alheias. Falando às claras, o objetivo de todas as sociedades anônimas de seguros não é outro senão pagar as dívidas dos proprietários de terra com dinheiro alheio. Mas é a incitação à greve que deve ser considerada crime<sup>2</sup>.

---

2. N. da T.: Em 6 de setembro de 1898, Wilhelm II anunciou em um discurso em Oeynhausen, novas leis contra a classe trabalhadora, endurecendo as punições para aqueles que organizassem greve.





## II

**MISÉRIA DOS FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS NA FRANÇA**

A [revista] francesa *Économiste* traz interessantes dados sobre o crescimento sem precedentes da burocracia na França. O burocratismo é certamente a praga de todos os Estados modernos e se relaciona estreitamente com o sistema capitalista. Na França, no entanto, ele tem ainda causas especiais nas condições políticas e sociais do país. Os números a seguir mostram quão fortemente cresceu o funcionalismo público na Terceira República. A equipe do Ministério do Interior contava em 1846 com 3.777, em 1873 com 4.114, em 1896 com 9.129 funcionários! No Ministério do Exterior, em 1866 com 388, em 1873 com 450, em 1896 com 931! Agora, o número total de funcionários públicos em todos os ministérios representa um enorme exército de 415.671 homens. Enormes são também, conseqüentemente, os gastos do país com essa multidão de burocratas, importando no total de 627.350.653 francos<sup>3</sup>. Tão grande é a soma em si, tão pequena é a parte que cabe, na massa dos funcionários públicos, a cada um. Em média, isto é, se todos os funcionários recebessem o mesmo salário, cada um teria um salário anual de 1.490 francos, isto é, 124 francos por mês (100 marcos<sup>4</sup>). Mas a igualdade existe na burocracia do Estado capitalista tão pouco quanto na sociedade capitalista.

3 N. R. L.: 1 franco = 80 pfennig.

4. N. da T.: 124 francos equivaliam a 100 marcos.





Exatamente o oposto é a norma: os mais altos contrastes, onde a regra, assim como na Alemanha, é que o tamanho do salário é inversamente proporcional ao tamanho e à dificuldade do trabalho. Vamos ilustrar isso com base nos números. Do total de 415.671 funcionários públicos franceses, 141.061, mais de um quarto, ou seja, a grande massa dos setores inferiores do funcionalismo, à qual compete toda a carga do trabalho burocrático realmente fatigante e monótono, ganham apenas entre 200 e 1.000 francos; ainda, 210.627 funcionários, isto é, mais da metade, ganham apenas entre 1.000 e 2.000 francos. Em compensação, os altos funcionários cabem na palma da mão, um número de 321, cuja ocupação quase sempre consiste em “discursos” e banquetes, e ganham um salário anual de mais de 20.000 francos!

Uma das causas do rápido crescimento da burocracia é, agora, o sistema parlamentarista francês ou, antes, a degradação política desse sistema, que possui uma troca de governo tão frequente e que transformou em regra a criação de toda uma série de novos cargos para os componentes de cada novo ministério. A outra causa, ainda mais profunda, é, porém, a miséria da pequena burguesia. A França, terra da pequena burguesia por excelência, sem um forte desenvolvimento da grande indústria, com pequenas terras endividadas e arruinadas, possui toda uma grande classe de existência humilde, que não consegue encontrar colocação nem na produção nem no comércio e, por isso, depende do serviço público.





Um espirituoso *Präfekt*<sup>5</sup> disse uma vez que se pode reconhecer mais precisamente o nível da indústria e da agricultura de um *Departement*<sup>6</sup> pela quantidade de solicitações de postos públicos do que pelas estatísticas de empresas. Os números citados por nós provam que o governo francês se aproveita dessa miséria da pequena burguesia e pressiona para baixo os salários da maioria do funcionalismo público até o nível de um mínimo de existência que beira a miséria.

---

5. N. da T.: Chefe administrativo de um *Departement* na França.

6. N. da T.: Os *Departements* são divisões administrativas do território francês; distritos governados por conselhos eleitos. São semelhantes aos nossos estados.





### III

## A INDÚSTRIA DE FERRO RUSSA

Nos últimos dias, os proprietários de minas de carvão e industriais do ferro realizaram a sua conferência anual em Charkow<sup>7</sup>. O desenvolvimento da indústria de ferro da Rússia, expresso nos relatórios lidos na conferência, é surpreendente. Sobretudo, chama a atenção o distrito ao sul à beira do rio Donets que representa sozinho 40% de toda a produção de ferro gusa, 42% da produção de aço e 54% da extração de carvão do Império. A produção de ferro gusa dessa região atingiu, ainda em 1896, 38 milhões pud<sup>8</sup>, já em 1897 foi de 46 milhões, no ano corrente foi de 60 milhões e, para o próximo ano, está prevista uma produção de 86,7 milhões pud! A produção de ferro da região também dá passos muito largos, apresentando 4 milhões no ano de 1897, mas 20 milhões pud no ano em curso. Por fim, a extração de minério de ferro no sul da Rússia, segundo os relatórios dos delegados, atingiu 5,5 milhões em 1896 e já em 1897 foi de 13 milhões pud. Esse crescimento impressionante da indústria de ferro na Rússia é um resultado direto da obstinada política alfandegária protecionista seguida pelo governo russo nos últimos anos, a qual quase impossibilita a importação

7. N. da T.: Cidade na Ucrânia que era parte do Império russo neste período. Transformou-se em um importante centro industrial em meados do século XIX, com o início da extração de carvão e minério de ferro na região. Foi capital da Ucrânia de 1919 a 1934. Em português, Carcóvia.

8. N. R. L.: 1 pud = 16,38 kg [Medida russa].





de ferro inglês e alemão, e os preços internos subiram tão vertiginosamente que as empresas arrecadam lucros escandalosos. Assim, o preço de mercado do ferro gusa na Rússia em 1897, por exemplo, era de 85 kopeken<sup>9</sup>, dos quais os custos de produção importaram em 45 kopeken – entre eles, o salário dos trabalhadores importou em 4 kopeken por pud – e o ganho da empresa em 40 kopeken! A aludida política protecionista do governo czarista tem por objetivo criar a todo custo uma indústria de ferro nacional na Rússia, tornando o Império independente economicamente do exterior. Para tanto, o governo não poupa vítimas do fisco, fazendo enormes encomendas para as grandes construções ferroviárias em fábricas russas a preços exorbitantes, apenas para ajudar a indústria “nacional”. O plano ousado do governo czarista vai ainda mais longe: ele ambiciona transformar a Rússia em um estado industrial exportador e tomar o lugar das indústrias inglesa e alemã, especialmente na Ásia. Os empresários do sul da Rússia, as crianças mimadas do governo, sabem também como podem obter mais aumento das tarifas alfandegárias a seu favor e toda a espécie de presentes. Na conferência em Charkow, foi declarado que o minério de ferro russo deveria ser exportado em breve. Apesar dessa comunicação ser considerada mais uma parada militar para mostrar boa vontade em relação aos desejos mais profundos do governo, ela possui uma essência verdadeira, na medida em que as minas de minério de ferro russas, especialmente as

---

9. N. R. L.: 1 kopeke [moeda russa] = 2 pfennig [moeda alemã].





do sul, são imensamente ricas (as minas em torno de Kriwoi Rog<sup>10</sup> sozinhas contêm cerca de 3,7 bilhões pud de minério da melhor qualidade) e, pelo acelerado crescimento atual da indústria de ferro, mais cedo ou mais tarde podem entrar na concorrência com o exterior.

---

10. N. da T.: Cidade na Ucrânia que se desenvolveu no final do século XIX com o início da extração de minério de ferro na região.





#### IV

### CONSTRUÇÕES HIDROVIÁRIAS NA AMÉRICA DO NORTE

Os Estados Unidos da América começaram duas novas construções hidroviárias enormes que são da maior envergadura tanto para o desenvolvimento econômico desse país como também para os Estados europeus. O primeiro desses empreendimentos é a ampliação da via fluvial Erie-Huron<sup>11</sup>, que liga os três grandes lagos, Superior, Michigan, Huron, com os dois pequenos lagos, Erie e Ontário, seguindo pelo rio *St. Lorenz*<sup>12</sup> até o oceano Atlântico. Essa hidrovia já pode ser considerada exemplar. Transitam por ela navios a vapor de até 250 toneladas e com velocidade entre 70 a 100 km por dia. Agora, ela deve, no entanto, ser de tal forma ampliada e remodelada que permita a navegação de vapores transatlânticos até Chicago. Para esse objetivo será construído um canal com 10 metros de profundidade e cerca de 100 metros de largura, cujos custos de produção chegam a cerca de 400 milhões de marcos. A principal dificuldade dessa nova construção está nas diferentes alturas do espelho d'água que a via apresenta em diversos pontos; a diferença chega a 100 metros entre o lago Erie e Ontário, por exemplo. Essa circunstância torna

---

11. N. da T.: O canal de Erie foi inaugurado em 1825 e gerou uma série de construções fluviais nos Estados Unidos no século XIX. A ligação Superior-Huron ocorreu em 1855 e, provavelmente, trata-se da via Erie-Huron à qual Rosa Luxemburgo se refere.

12. N. da T.: Rio São Lourenço.







necessária a edificação de eclusas com câmaras ascensoras. Vão ser cinco delas, em cada uma, o transatlântico será elevado através de um elevador de ar comprimido. A nova construção será de um significado monstruoso para o comércio de cereais, já que esses serão transportados de Chicago, o principal centro de comércio de grãos, diretamente para o oceano em direção à Europa, sem transbordo. Assim, as despesas de frete se reduzirão muito e a concorrência dos cereais americanos na Europa será facilitada, o que, por sua vez, terá ampla influência na situação da agricultura na Europa ocidental, assim como na Rússia.

A outra construção hidroviária que os Estados Unidos planejam é a unificação dos oceanos Atlântico e Pacífico através de um canal, que passará pelo Lago da Nicarágua. A extensão de terra aqui é significativamente maior que no Panamá, mas o lago no meio vai facilitar a construção. O canal deve ter 169,4 milhas inglesas de extensão e 6 eclusas enormes. Os custos irão de 280 milhões até 1 bilhão de marcos. Com a edificação desse canal, os Estados Unidos estariam na posição de enviar seus navios em menor tempo dos portos do oceano Atlântico direto para o Pacífico sem necessitarem, como atualmente, dar a volta colossal em toda a América do Sul. É evidente o enorme significado político e econômico desse novo caminho. Quando os *Yankees* tiverem iniciado o trabalho, sua construção terá também, previsivelmente, uma evolução mais feliz do que a do Canal do Panamá que, em vão, consumiu muito dinheiro da pequena burguesia, assim como muita reputação política da





burguesia francesa<sup>13</sup>. Por enquanto, os dois enormes empreendimentos são filhos de interesses comerciais e bélicos vulgares, mas eles vão sobreviver à sua criadora, a economia capitalista. Eles mostram novamente quais forças produtivas colossais dormitam no seio de nossa sociedade e que incrementos o progresso e a civilização terão quando se livrarem dos grilhões dos interesses capitalistas.

---

13. N. da T.: Em 1892-1893, explodiu na França um escândalo em torno da construção do Canal do Panamá, até então um empreendimento francês. A Companhia do Canal do Panamá de Ferdinand de Lesseps teve sua liquidação decretada em 1889 pela justiça francesa, no entanto, conseguiu retardar o processo. Em 1892, diversos parlamentares e ministros franceses foram acusados de receber suborno para não revelar a situação financeira catastrófica da empresa. Milhares de franceses perderam seus investimentos quando a empresa decretou falência. Os Estados Unidos assumiram o controle do projeto, e largaram o da Nicarágua, em 1904.



## V PARA QUE A POLÍTICA COLONIAL?

Os relatórios consulares alemães e de outros países deste ano sobre a Ásia e a América mostram que a participação da Alemanha no comércio nas duas partes do mundo cresceu surpreendentemente nos últimos anos. O cônsul alemão em *Vladivostok* (porto russo no oceano Pacífico) relata, por exemplo, que, enquanto a poucos anos atrás nenhum navio alemão era visto naquelas águas, no ano de 1897 dos 244 navios comerciais que entraram no citado porto, 84 eram alemães, enquanto apenas 56 eram russos, 45 japoneses, 29 noruegueses e 22 ingleses. Os navios alemães servem para o transporte regular de mercadorias entre os portos russo, japonês e chinês. De toda a massa de mercadorias importadas e exportadas por *Vladivostok*, cerca de dois terços foram transportados por navios alemães.

Igualmente na China, um transporte comercial regular quinzenal entre *Xangai* e *Hankou*<sup>14</sup> pelo rio *Lang-Tse* é organizado pela empresa *Rickmers* de *Bremen*<sup>15</sup> com

14. N. da T.: Uma das três cidades que se fundiram e formam hoje o município de *Wuhan*, capital da província *Hubei*, na China.

15. N. da T.: Empresa alemã fundada em 1834 como um estaleiro de navios de madeira. Começou a produzir navios de metal em 1886 e teve seus negócios ampliados ao longo do tempo para companhia de navegação e beneficiamento de grãos. Conseguiram uma linha regular de transporte para o leste asiático em 1896.



navios alemães, conforme noticiado recentemente pelo *Weser-Zeitung*<sup>16</sup> de Bremen. A abertura da linha Rickmers-Langtse, como ela se chamará, deve ocorrer em junho de 1899. O transporte de mercadorias entre as duas cidades é muito significativo e a citada linha terá um grande papel no comércio da China.

Por outro lado, cresce também a venda direta de mercadorias alemãs no leste asiático, onde o porto de Hankou ocupa um dos primeiros lugares e se tornará em breve um dos centros comerciais mais importantes da China com a ligação férrea entre Pequim e Cantão. Perto de Hankou, a navegação ocorre rio acima e é impedida pelas corredeiras. Enquanto, até pouco tempo, todo o comércio em Hankou era monopolizado pelos ingleses, agora, ele é comandado efetivamente pelos alemães, como relata o cônsul norte-americano. O comércio de Hankou com a Alemanha alcançou já em 1896 cerca de 45 milhões de marcos.

O cônsul inglês no Rio de Janeiro (capital do Brasil) relata igual sucesso da indústria alemã. Também aqui os ingleses eram os senhores da situação até pouco tempo atrás. “Agora”, escreve o citado cônsul, “os alemães competem com os ingleses em cada ramo industrial tão energicamente que é quase impossível nomear um em que os últimos possam esperar sucesso na luta contra os rivais”.

---

16. N. da T.: Jornal publicado em Bremen de 1844 a 1934, de linha liberal e que atingiu alguma importância supra regional.



Também no Chile quase dobrou a venda alemã desde 1887, como relata a última [revista] inglesa *Economist*, e deveria superar os ingleses, que aumentaram [as vendas] apenas em um terço no mesmo período, em breve.

Compare-se, pois, os dados acima sobre o comércio da Alemanha na Ásia e na América com os resultados miseráveis do comércio Alemanha-África e a pergunta se coloca por si só: afinal, para que a Alemanha precisa da política colonial? Exatamente as terras, cuja aquisição e manutenção custaram uma grande quantidade de dinheiro ao povo, não significam nada para o comércio e a indústria alemãs, cujos interesses foram supostamente motivadores para sua obtenção. Por outro lado, entretanto, a indústria alemã finca os pés em livre concorrência em terras mais distantes. Também na China, ela fincou seu pendão muito antes da influência do punho blindado e totalmente independente da conquista de Kiauchau (ou Jiaozhou)<sup>17</sup>.

Quando daí o *Der Deutsche Oekonomist*<sup>18</sup>, criticando as tarefas econômicas iminentes reveladas em recente sessão do Reichstag, chama a atenção para a supostamente ainda incipiente e totalmente negligenciada exportação alemã, e com isso

17. N. da T.: Em novembro de 1897, a Alemanha anexou a região de Kiauchau. Em março de 1898, o governo chinês foi obrigado a arrendar a Baía de Kiauchau, localizada na província de Shandong ao norte da China, como base naval por 99 anos e conceder o interior de Shandong como esfera de influência para o Império Alemão.

18. N. da T.: Periódico semanal sobre finanças e economia política, publicado em Berlim por W. Christians e R. Franz, de 1883 a 1935.



procura justificar a necessidade de uma enorme potência bélica na terra e no mar e uma grande política mundial marítima para a Alemanha, os fatos lhes dão na cara. A exportação alemã se desenvolve inteiramente por si só e não precisa de militarismo ou navalismo<sup>19</sup>. A política mundial aventureira não pode trazer incremento comercial e industrial para o povo alemão, apenas enorme sacrifício em bens e sangue e riscos constantemente crescentes para um desenvolvimento tranquilo.

---

19. N. da T.: *Navalismo* é o termo em português para a política de um Estado voltada para a supremacia marítima, para se tornar uma potência dos mares. Ela está diretamente ligada ao final do século XIX quando a Inglaterra deixou de ser a única potência industrial. As outras nações, então, desenvolveram suas marinhas para competir com aquele país no palco mundial, tanto em termos bélicos como comerciais. Em alemão, a palavra é *Marinismus*.





## VI O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DOS ESTADOS UNIDOS

Há pouco tempo, os Estados Unidos eram majoritariamente uma terra agrícola, que cobria suas necessidades industriais principalmente com importações da Europa. O quanto, nos últimos anos, teve lugar grandes transformações nessas relações, comprovam sobretudo os mais novos dados estatísticos sobre a pecuária. Verifica-se que desde 1894 o número de reses nos Estados Unidos diminui constantemente. Em 1895, contava-se 16,5 milhões de vacas leiteiras, em 1898, eram 15,8 milhões. Em 1894, havia 36,6 milhões de bovinos e outras reses, em 1898 apenas 29,2 milhões. Ao mesmo tempo, cresce a importação de reses para os Estados Unidos. Ela somava não mais que 1.600 peças ainda em 1894, agora alcança cerca de 300.000 peças. Mais precisamente, essa redução da pecuária não deve ser atribuída a causas acidentais ou temporárias, mas aos custos continuamente crescentes da pastagem junto com a concentração da população.

Por outro lado, a indústria se desenvolveu com uma rapidez extraordinária. Um ramo serve de exemplo, a produção de chapas de aço. No ano de 1891, ela não existia nos Estados Unidos e toda procura era atendida com importações de produtos estrangeiros, em sua maioria ingleses,





somando mais de um bilhão de libras. No ano de 1892, esse novo ramo industrial se estabeleceu e a produção inicial de 13 milhões de libras de chapas alcançou, com um crescimento a passos largos, 650 milhões de libras em 1898. A importação estrangeira caiu, conseqüentemente, de um bilhão para 171.000 libras e desaparecerá em breve.

Os Estados Unidos se transformaram, nos últimos anos, em um Estado industrial exportador. Serve de exemplo novamente a exportação para um país, o Japão. No ano de 1896, os Estados Unidos representavam aqui apenas 26% e a Inglaterra 65% do total de importações de locomotivas. No ano de 1897, a parcela dos Estados Unidos sobe para 57%, a da Inglaterra cai para 43% e a importação de outros países desaparece totalmente. O mesmo vale para a importação de outros materiais ferroviários.

Assim como no oeste asiático, a indústria americana prepara uma forte concorrência para a inglesa na América do Sul. Em uma palavra, os Estados Unidos desenvolveram-se de um mercado de consumo para a indústria europeia em um Estado exportador capitalista, que disputa lugar com esta em outros países. E as conseqüências disso? O mercado mundial se torna sempre menor, as forças produtivas desenvolvidas superam sempre mais a possibilidade de venda, a luta concorrencial se torna sempre mais desesperadora e, como resultado inevitável, uma quebra comercial mais ou menos generalizada abalará mais cedo ou mais tarde os







países capitalistas. O desenvolvimento industrial dos Estados Unidos com todas as suas conexões apresenta, novamente, uma grande dificuldade para a esplêndida teoria da “adaptação” capitalista da produção à procura.





## VII

### OBRAS COLOSSAIS DO CAPITALISMO

Os presentes conflitos cada vez mais frequentes entre as potências coloniais europeias na Ásia e na África nos últimos tempos tiveram como resultado uma nova tendência, que será de grande importância também para o desenvolvimento econômico e social geral, nomeadamente, a tendência dos Estados coloniais de unificarem suas possessões não europeias dispersas em um complexo interligado por grandes construções ferroviárias. Assim, a Inglaterra está prestes a ligar suas colônias asiáticas e africanas através de uma *linha férrea*. Ela deve começar no *Egito* e seguir pelo *norte da Arábia*, e pelo *sul da Pérsia*, pela extensão de sua costa, até *Carachi*, na foz do Indo. Ali, por *Carachi*, começa atualmente o transporte ferroviário com todos os principais pontos da Índia: *Laore*, *Calcutá*, *Bombaim* e *Madras*<sup>20</sup>. Assim, seria estabelecida com a edificação da até agora planejada linha, uma ligação férrea ininterrupta entre Índia e Egito. O plano dessa ferrovia, publicitado pela *Contemporary Review*<sup>21</sup>, foi concebido já há quatro anos. Hoje, já se formou um consórcio de empresas para sua execução.

20. N. da T.: Atual Chennai, extremo sul da Índia.

21. N. da T.: Revista inglesa fundada em 1866.



Por outro lado, a mais nova briga de Fachoda<sup>22</sup> entre Inglaterra e França persuadiu a última a retomar os planos antigos de uma grande *ferrovia transaariana*. O plano dessa ferrovia foi elaborado há 25 anos pelo engenheiro Duponchel<sup>23</sup>. Há 20 anos, foi montada uma comissão para preparação dos trabalhos. Só que agora, sob a pressão do conflito com a Inglaterra na parte de cima do Nilo, a opinião pública da França voltou a atenção para o antigo plano. Particularmente, o “douto” representante dos interesses capitalistas, Paul Leroy-Beaulieu<sup>24</sup>, engaja-se ardentemente e procura expor tanto no *Journal des Débats*<sup>25</sup> quanto na *Économiste* a fundamentação da necessidade de um “Império Africano” da França através da unificação de suas terras dispersas. Agora que também Freycinet, que outrora criou a comissão para estudos preliminares para a ferrovia transaariana, faz parte do governo, a execução do

---

22. N. da T.: Referência ao conflito entre França e Grã-Bretanha em setembro de 1898 nas proximidades de Fachoda. A disputa era pelo Sudão e quase gerou uma guerra entre as potências europeias. Foi resolvido em março de 1899 quando a França trocou a região por outros territórios na África.

23. N. da T.: Adolphe Duponchel, engenheiro, nasceu em 1821 e morreu em 1903. Viajou para a Argélia com financiamento do governo, em 1870, para estudar um projeto de ferrovia transaariana, tendo publicado em 1878 o relatório da viagem.

24. N. da T.: Economista francês, nasceu em 1843 em Saumur, estudou em Paris, Bonn e Berlim. Morreu em 1916 em Paris. Era influente e se posicionava contra o protecionismo.

25. N. da T.: Jornal semanal publicado entre 1789 e 1944 e de tendência conservadora. É referência especialmente em temas relacionados a cultura e literatura.



antigo projeto deve ser empreendida<sup>26</sup>. A grandiosa ferrovia planejada deve ir de *Biskra*, na Argélia, para *Saba*, no deserto do Saara, e seguir através do deserto para o sul, para o *Lago Chade*; daí segue de um lado para o *Senegal* francês e de outro, para o *Congo* francês. Com isso, a parte norte e oeste da África estaria aberta para o transporte ferroviário.

Se as duas linhas férreas planejadas forem construídas em um futuro próximo, o enorme empreendimento dará, especialmente para a Panamalande na França, oportunidade para grandes fraudes capitalistas, para enriquecimento de uns poucos capitalistas às custas da massa pequeno burguesa credora e do trabalho proletariado. Do ponto de vista político, a facilidade do transporte e, especialmente, da mobilização do exército colonial vai apenas tornar os conflitos asiáticos e africanos entre as potências europeias mais frequentes e agressivos. Mas, no limite, os novos caminhos de transporte acelerarão, dessa forma e com o aumento do comércio, o desenvolvimento capitalista e com ele também o seu colapso final. No mundo burguês, os grandes meios de transporte, como tudo o que ele cria, no fim só podem ter um efeito destrutivo. Mas para o progresso civilizatório geral, eles são de valor enorme e duradouro.

---

26. N. da T.: Charles de Freycinet nasceu em 1828 e participou do Estado francês algumas vezes durante a Terceira República. Aqui Rosa Luxemburgo se refere ao cargo de ministro da Guerra que ele ocupou entre 1898 e 1899. Grande parte de sua política esteve voltada às colônias francesas na África.





## VIII

### QUEM PRECISA SER SALVO DO ALCOOLISMO?

Geralmente, é realizada pela “melhor sociedade” burguesa a obra apostólica de salvar “o povo inferior” da ruína econômica e moral da bebida. Em toda oportunidade é pregada para o “povo” a moral da abstinência. É interessante saber a partir de números estatísticos para quem, na verdade, deveria ser pregada a abstinência de consumo de álcool: ao “povo” ou aos mais nobres e melhores da nação. Dados sobre isso para a sociedade civil burguesa são difíceis de obter, mas as relações, como toda interpretação dos costumes da sociedade de classes, se refletem com exatidão no exército. Recentemente, foi lido na Comissão de Petersburgo para Combate ao Alcoolismo um relatório sobre as condições no *exército russo*, no qual, em 1896, o número de casos de intoxicação por álcool atingia 3,6 a cada mil oficiais, mas apenas 0,1 entre os soldados. Os oficiais provenientes da burguesia e da aristocracia apresentam, assim, 30 vezes mais casos de intoxicação por alcoolismo do que os soldados, oriundos dos camponeses e do povo urbano. Quão maior deve ser a diferença, em proveito do povo, nos países da Europa ocidental, onde a educação pública, assim como o movimento dos trabalhadores, elevou intelectualmente o povo ativo acima dos russos, enquanto os costumes das classes burguesas em todos os





países permanecem os mesmos. Neste como em alguns outros aspectos, é de se procurar altos costumes não entre as dezenas de milhares de cima, mas entre o povo trabalhador.





## IX INTRODUÇÃO DA ESTATÍSTICA DE GREVE DO REICH

A terra da “reforma social” segue devagar e, finalmente, depois de todos os outros grandes Estados industriais em 1º de janeiro de 1899 será introduzida no Império Alemão, em razão da decisão do *Bundesrat* de 10 de junho do ano corrente, uma estatística das greves e *lockouts*, um dos pontos mais importantes da política social. A Inglaterra possui essa estatística desde 1888, a França igualmente, há mais ou menos 10 anos, até na Itália existe desde 1892 e na Áustria, desde 1894, assim como nos Estados Unidos da América, são feitos levantamentos estatísticos periódicos sobre conflitos trabalhistas. Apenas na Alemanha, tal estatística existia até agora apenas em alguns Estados federados, nomeadamente na Prússia e na Bavária. Entretanto, os resultados na Prússia não chegavam à oficialidade, na Bavária foram divulgados apenas sumariamente este ano e no ano passado, permanecendo inúteis para o público.

A ampla importância do levantamento regular e preciso sobre as greves e *lockouts* ocorridos em um grande Estado industrial não precisa ser exposta em pormenor; um material imprescindível para a política social do Estado, que também fornece aos trabalhadores uma visão geral de suas lutas econômicas e prova numérica da utilidade da organização em si. Esse foi especificamente, até agora, o resultado e, em parte, o objetivo da estatística de greve nos países onde ela existia. Mas que, sob





certas circunstâncias, o levantamento sobre conflitos econômicos entre trabalho e capital também pode servir, muito pelo contrário, como material para a *luta do Estado contra a classe trabalhadora* deve ser evidenciado, e temido, com a nova estatística do Império Alemão. É que tudo depende de com qual espírito o levantamento e sua organização estarão carregados e, nesse sentido, diferencia-se a futura estatística alemã fundamentalmente de todas as outras.

Antes de mais nada, o Império Alemão, em relação ao *método de investigação*, não seguiu o exemplo da Inglaterra – a mais avançada nessa área –, mas da França, Itália e Áustria, para as quais a estatística não teve por base boletins das partes envolvidas, empregadores e trabalhadores, mas somente levantamentos das autoridades administrativas. Enquanto na Inglaterra são utilizados os relatórios da imprensa sindical, boletins de trabalhadores ligados ao Labour Departement (Agência de Emprego) existentes em todos os centros industriais importantes, mas sobretudo, material apurado através da distribuição de questionários para empregadores e trabalhadores, bem como organizações de trabalhadores; na Alemanha, cabe aos órgãos da polícia local o preenchimento dos questionários, ignorando totalmente as organizações dos trabalhadores. Sem dúvida, as altas autoridades administrativas podem conseguir a integridade de seus dados antes do envio para o Serviço de Estatística e se dirigirem diretamente aos envolvidos para obter informações. Mas é claro, pelo conhecido espírito avesso aos trabalhadores





da polícia alemã e dos órgãos administrativos, que os mesmos irão se dirigir eventualmente apenas aos empregadores e, assim, o levantamento terá, de antemão, um caráter unilateral e, em determinadas circunstâncias, diretamente partidário.

Além disso, os levantamentos do Serviço de Estatística em si são conformados de tal maneira que têm o mais desagradável ranço policialesco. Enquanto em todos os outros países os questionários exigem informações apenas sobre local, ofício, duração, dimensão, motivo e resultado da greve, nos questionários alemães são feitas ainda outras perguntas que não têm nada em comum com os objetivos econômicos da estatística. Assim diz o item 11 do formulário: “até que ponto atuaram associações profissionais ou terceiras pessoas *na eclosão da greve*, em especial com ajuda financeira?”. Adiante, item 13: “até que ponto, no decorrer da greve, *foi necessário proteger os fura-greve com força policial?*”. Finalmente, item 14: “Se, por ocasião da greve, *se recorreu à procuradoria?*”. A relação dos três pontos listados com o mais novo rumo na área do direito de organização é evidente<sup>27</sup>. A estatística de greves deve fornecer com exatidão

---

27. N. da T.: O jornal Vorwärts do Partido Social-Democrata Alemão publicou no dia 6 de setembro de 1898 uma circular, a que teve acesso, assinada por Arthur Graf von Posadowsky-Wehner, secretário do Interior do Reich, datada de 11 de dezembro de 1897 na qual ele demandava medidas mais punitivas contra a realização de greves e coligações. A diretriz contida neste documento foi confirmada no discurso de 6 de setembro de 1898, em Oeynhausen, por Wilhelm II, anunciando o projeto de lei para 1899 que pretendia tornar as penas mais graves para aqueles que organizassem greves e associações de trabalhadores ou incentivassem a participação nelas.



material sobre a “incitação” das greves por sindicatos e “agitadores social-democratas” – já que estas são as “terceiras pessoas” do formulário – e, também, sobre a necessidade de proteção dos fura-greve contra o “terrorismo” dos grevistas. Enquanto outros Estados querem através da estatística de greves (ao menos em princípio) apenas a acumulação de material para reforma social e medidas pró-trabalhadores, a estatística alemã deve servir como material de acusação contra o moderno movimento dos trabalhadores, atendendo a planos reacionários e de retirada de direitos do povo. Isso harmoniza extraordinariamente com todo o espírito da atual política social alemã: doçura combinada com chicote<sup>28</sup>. Os trabalhadores, suas organizações e sua imprensa terão, desde o começo, um olhar bem atento sobre a futura estatística oficial das greves e terão, eventualmente, que jogar luz sobre a sua inexatidão ou seu caráter unilateral. Em todo o caso, apesar das intenções de seus criadores, a nova instituição será decerto de utilidade para o movimento dos trabalhadores, porque alguns ensinamentos benéficos, especialmente sobre a imprescindibilidade da organização dos trabalhadores na luta econômica contra o capital, poderão ser extraídos, sem dúvida, dessa estatística ainda tão unilateralmente conduzida.

---

28. A expressão *Zuckerbrot und Peitsche* (Doce e Chicote) tem origem no século 19 e era utilizada para criticar a política de Otto von Bismarck, chanceler alemão entre 1871 e 1890. Bismarck implantou as Leis Antissocialistas e perseguiu a social-democracia e as organizações combativas dos trabalhadores ao mesmo tempo em que aprovou leis de assistência social como seguro de saúde, por acidentes e aposentadoria por invalidez e idade. Desta forma, a expressão evoca a gratificação oferecida, mantendo a ameaça de punição.





## X

### TRABALHO DE MULHERES E CRIANÇAS

O último caderno trimestral da “Estatística do Império Alemão” traz dados impressionantes sobre o número de trabalhadores e trabalhadoras jovens empregados em fábricas inspecionadas em 1897. Segundo este caderno, o número de crianças com menos de 14 anos e de jovens de ambos os sexos entre 14 e 16 anos trabalhando em empresas industriais importava em 265.721, isto é, 20.861 a mais do que no ano de 1896. Entre estes, crianças do sexo masculino eram 3.770 (3.343 no ano de 1896), do sexo feminino eram 2.381 (1.969 em 1896), jovens do sexo masculino eram 172.398 (159.214 em 1896) e do sexo feminino eram 87.172 (80.334 em 1896). A proporção entre os dois sexos no grupo dos trabalhadores jovens permaneceu, assim, o mesmo que no ano precedente. Cabe aos do sexo masculino cerca de dois terços do total e aos do sexo feminino, um terço.

O número de mulheres adultas empregadas (acima de 16 anos) importava em 732.909 em 1897, isto é, 33.330 a mais do que em 1896.

Ao todo, então, o volume da força de trabalho juvenil e feminina sob o jugo da indústria alemã cresceu, enormemente, para 54.191 no correr de um único ano. Este é o primeiro resultado do incremento industrial, da nova era de





fundação<sup>29</sup>. Em um ano, mais de 50.000 mulheres e crianças do povo foram varridas pela vassoura de ferro da proletarianização de seus lares para o mercado de trabalho, o mercado das mercadorias vivas. Mais de 50.000 mulheres e crianças que, um ano antes, puderam viver do vencimento de seus maridos e pais, dependem agora do trabalho de suas próprias mãos. Novamente, para mais de 50.000 mulheres e crianças da classe trabalhadora, vida familiar, saúde e segurança da existência se tornaram palavras vazias. Mas também, para a classe trabalhadora como um todo, esse crescimento do trabalho de mulheres e crianças significa uma nova deterioração de sua situação. Em quantidade, conforme o trabalho feminino e juvenil aumenta, caem os salários, cresce a concorrência, diminui a cota dos trabalhadores na riqueza social por eles produzida, aumenta a insegurança da existência. Assim, o incremento econômico tira do trabalhador, novamente, com uma mão o que ele deu com a outra.

O crescimento impressionante do trabalho feminino e infantil é, entre outros, uma nova prova incontestável contra a famosa teoria da “Adaptação do Capitalismo”. A situação da classe trabalhadora se eleva, diz-se, a superação do trabalho qualificado pelo não qualificado não avança tão depressa como se supõe em geral. Mas o que significa o forte aumento do trabalho feminino e infantil senão a forte superação do

---

29. N. da T.: Refere-se ao período no qual vivia, com surgimento de novas indústrias, seria a era de fundação de indústrias e ramos produtivos.





trabalhador qualificado pelo não qualificado e com isso, de um lado, o rápido progresso da técnica e com ela a revolução de toda a economia, e outro, a desvalorização da força de trabalho e a piora da situação social do trabalhador? Ao mais novo resultado do incremento econômico, a classe trabalhadora deve responder inabalavelmente à moda antiga: pela luta de classes revolucionária.





## XI TRANSFORMAÇÕES NO MERCADO MUNDIAL

A burguesia inglesa fica cada vez mais inquieta com a aparente queda atual da soberania da Inglaterra no mercado mundial. O autor da obra *Made in Germany* (fabricado na Alemanha), que há dois anos causou alvoroço na Inglaterra, *Williams*, dedicou agora um novo livro ao mesmo tema sob o título *Rückwärtsbewegung* (retrocesso). Segundo ele, a indústria inglesa se movimenta para trás. Enquanto a exportação de outros Estados industriais cresce rapidamente, ela caiu, na Inglaterra, de 215 milhões de libras esterlinas<sup>30</sup> para 196 milhões. A sua importação, por outro lado, cresce a cada ano. Com isso, consuma-se uma interessante mudança no caráter da importação e exportação. Dos 196 milhões que constituem a exportação inglesa, cerca de 45 milhões, segundo *Williams*, são de matérias-primas, as quais são reimportadas para a Inglaterra na forma de produtos manufaturados, sobretudo da Alemanha. Assim, a própria Inglaterra volta a desempenhar, em parte, o papel que antes a maioria dos países desempenhou em relação a ela. No mercado mundial – na Ásia, na América –, a indústria inglesa retrocede passo a passo. E precisamente os dois países que se candidatam atualmente como potências de

---

30. N. R. L.: 1 libra esterlina = 20 marcos.





primeira classe para a hegemonia no mercado mundial são a Alemanha e os Estados Unidos.

Variadas notícias de fato confirmam totalmente as afirmações de Williams. O próprio governo inglês se ocupa fervorosamente, há alguns anos, do aumento do comércio do Império Britânico com o exterior. Ele manda agentes especiais para a Ásia e América para pesquisarem as condições da concorrência e as carências do comércio inglês e, há dois meses, ele publicou uma coletânea sobre a “Concorrência no Comércio Exterior”, na qual são reunidos 171 excertos de diferentes relatórios consulares que contêm uma crítica detalhada dos métodos comerciais ingleses. As medidas estatais sozinhas, nesses casos, cuidam pouco de remediar o mal, e a hegemonia da Inglaterra no mercado mundial – isso é atualmente inevitável pelo desenvolvimento geral do capitalismo – caminha irrefreavelmente para o fim.

Assim como a antiga soberania total, o atual retrocesso da Inglaterra no comércio mundial será da mais vasta importância para o curso do *movimento dos trabalhadores na Inglaterra*. Com métodos comerciais modificados, a burguesia inglesa recorre gradualmente também a outros métodos na luta contra o operariado. Um dos sintomas importantes dos últimos tempos que apontam para isso é que da mesma forma, na Inglaterra, a “harmonia do capital e do trabalho” vai por água abaixo e começa uma nova página na história da luta de classes. Aqui se aponta apenas





que também Williams, no referido livro, caracteristicamente associa os dois fenômenos. “Vocês perdem milhões”, diz ele para a burguesia inglesa, “e pechinham vinténs com os trabalhadores. Onde a briga poderia ser resolvida em um dia em um tribunal de arbitragem<sup>31</sup>, vocês a transformam em guerra industrial devastadora, enquanto o mercado consumidor é conquistado pelos vizinhos”. A luta dos construtores de máquinas<sup>32</sup>, continua ele, custou tanto quanto uma guerra de verdade.

Quando, como resultado da decadência industrial na Inglaterra, a luta de classes bater em ritmo acelerado e o proletariado inglês em sua ampla maioria for curado dos restos do bem-aventurado torpor da harmonia na vida econômica assim como na política, então o mundo do trabalho não terá razão para lamentar o retrocesso comercial da Inglaterra.

---

31. N. da T.: Tribunaís não estataís reunidos para que as partes em litígio entrem em acordo.

32. N. da T.: De julho de 1897 a janeiro de 1898, cerca de 70.000 trabalhadores da construção de máquinas na Inglaterra fizeram greve por uma jornada de oito horas de trabalho. Apesar das fortes manifestações de solidariedade do movimento de trabalhadores inglês e alemão, a greve terminou com uma derrota.





# I. Beilage der „Sächsischen Arbeiter-Zeitung“

Dresden, Sonntag den 29. Januar 1909.

## Wirtschaftliche und sozialpolitische Rundschau.

### „Zweimärzler Weltwirtschaft“.

Im Hinblick auf das Wirtschaftsjahr 1908 kamen alle Männer und Frauen der Welt in den statistischen Überblick über die Weltwirtschaft zusammen mit dem „Zweimärzler Weltwirtschaft“.

Das Jahr 1908 war ein außerordentlich reiches Jahr für die Weltwirtschaft. Die Weltproduktion im Jahre 1908 war um 20 Prozent höher als im Jahre 1907. Die Weltproduktion im Jahre 1908 war um 20 Prozent höher als im Jahre 1907. Die Weltproduktion im Jahre 1908 war um 20 Prozent höher als im Jahre 1907.

In Österreich	1907	1908
Zugewinn	275 Mrd.	270 Mrd.
Verlust	111	108
Saldo	164	162

So minimal war die Weltwirtschaft in dem am meisten fortgeschrittenen Stadium der Weltwirtschaft der Jahre 1907 und 1908. In diesem Stadium der Weltwirtschaft der Jahre 1907 und 1908. In diesem Stadium der Weltwirtschaft der Jahre 1907 und 1908.

Während die Weltwirtschaft in dem am meisten fortgeschrittenen Stadium der Weltwirtschaft der Jahre 1907 und 1908. In diesem Stadium der Weltwirtschaft der Jahre 1907 und 1908.

In auch die Statistik der Weltwirtschaft der Jahre 1907 und 1908. In diesem Stadium der Weltwirtschaft der Jahre 1907 und 1908. In diesem Stadium der Weltwirtschaft der Jahre 1907 und 1908.

Am Schluss der Rundschau über das allgemeine Weltwirtschaftsjahr 1908 und die wirtschaftliche Lage der Weltwirtschaft im Jahre 1908. In diesem Stadium der Weltwirtschaft der Jahre 1907 und 1908.

Die Weltwirtschaft im Jahre 1908. In diesem Stadium der Weltwirtschaft der Jahre 1907 und 1908. In diesem Stadium der Weltwirtschaft der Jahre 1907 und 1908.

### Ein Gebirge Weltmarkt

Zer Schöne-Gebirge	1907	1908
Zugewinn	275 Mrd.	270 Mrd.
Verlust	111	108
Saldo	164	162

Die Weltwirtschaft im Jahre 1908. In diesem Stadium der Weltwirtschaft der Jahre 1907 und 1908. In diesem Stadium der Weltwirtschaft der Jahre 1907 und 1908.

Die Weltwirtschaft im Jahre 1908. In diesem Stadium der Weltwirtschaft der Jahre 1907 und 1908. In diesem Stadium der Weltwirtschaft der Jahre 1907 und 1908.

### Soziales.

Die Weltwirtschaft im Jahre 1908. In diesem Stadium der Weltwirtschaft der Jahre 1907 und 1908. In diesem Stadium der Weltwirtschaft der Jahre 1907 und 1908.

Die Weltwirtschaft im Jahre 1908. In diesem Stadium der Weltwirtschaft der Jahre 1907 und 1908. In diesem Stadium der Weltwirtschaft der Jahre 1907 und 1908.

Die Weltwirtschaft im Jahre 1908. In diesem Stadium der Weltwirtschaft der Jahre 1907 und 1908. In diesem Stadium der Weltwirtschaft der Jahre 1907 und 1908.



## PANORAMA ECONÔMICO E SOCIOPOLÍTICO II

### I

#### PEQUENA E GRANDE EMPRESA EM BERLIM

*Estudos Estatísticos sobre a História do Desenvolvimento da Indústria Berlinense (1720-1890)*, assim se chama um recente estudo de *Otto Wiedfeldt*, que se dedica especialmente à luta histórica do artesanato contra a grande indústria na capital e resume os resultados dessa luta em mais de um século e meio. O autor reúne ainda a média da relação entre empresários autônomos e não autônomos (assistentes ou trabalhadores), assim como da proporção entre os ocupados na indústria e o total de moradores de Berlim. O resultado a que ele chegou com essa estatística é que o artesanato em Berlim é sufocado e minado pela grande indústria e que ele já quase sucumbiu definitivamente nessa luta.

Por mais que a visão geral de Wiedfeldt corresponda realmente à tendência do desenvolvimento econômico, ela não se deduz de forma alguma tão mecanicamente das tabelas estatísticas de contagem de empresas, como faz o autor. A estatística nua e crua, especialmente como ela vem sendo conduzida até agora, constrói muito mais conclusões contrárias, da inabalabilidade e do crescimento saudável da pequena empresa, como comprovam diferentes exemplos nos últimos tempos. De fato, a média de trabalhadores





não qualificados (*Hilfsarbeiter*) em relação aos autônomos, assim como a média dos trabalhadores ativos em empresas em relação ao número de habitantes apresenta apenas uma mudança muito pequena ao longo do século. Além do mais, também o critério adotado por Wiedfeldt, no qual o número de 5 assistentes (*Gehilfe*) deve ser o limite entre artesanato e indústria, é evidentemente bastante arbitrário, visto que uma serralheria com 8 ou 10 assistentes (*Gehilfen*) continua sendo uma oficina artesanal, enquanto um banco com 4 agentes (*Kommis*) de maneira alguma é uma oficina. Observando-se apenas a estatística sumária das empresas e de seus empresários, é mais provável uma conclusão a favor das pequenas empresas do que o contrário. Em Berlim, as empresas individuais e as pequenas empresas com no máximo 10 assistentes (*Gehilfen*) constituem 93,96% do total, segundo a contagem de empresas de 1895, enquanto as empresas que empregam mais do que 50 trabalhadores (*Arbeiter*), ou seja, grandes empresas de verdade, não representam nem 1%.

O grande erro de todos os cálculos semelhantes a esse e das teorias que se baseiam neles é que, atualmente, a história social das pequenas e médias empresas *por natureza* não se deixa expressar de maneira nenhuma em números estatísticos, pelo menos não nas duas rubricas consideradas até agora: o número de trabalhadores e, dentro destes, o número de ativos. Em primeiro lugar, enquanto a grande indústria varre





a pequena empresa da superfície social em determinados ramos diretamente ligados à sua área como, por exemplo, na indústria têxtil, ao mesmo tempo, ela mesma traz à vida, em outros ramos, toda uma massa de pequenas empresas a seu serviço direto como grupos auxiliares.

Em vários outros casos, a pequena empresa e especialmente o artesanato, ao passo que não são abalados na sua existência exterior são, ao mesmo tempo, totalmente modificados em sua natureza interna, transformando-se em indústria doméstica, como por exemplo a confecção. Em terceiro lugar, toda a situação econômica do artesanato se desloca, pois a grande indústria conquista quantitativamente sempre mais do mercado consumidor independentemente do artesanato, de forma que este satisfaz uma fração continuamente reduzida das necessidades sociais. Em todos esses casos, a estatística sumária sobre a pequena empresa pode permanecer totalmente inalterada, enquanto se passou uma profunda transformação na sua situação social. Se se quer representar a história da luta entre grande e pequena empresa em números, então deve-se apontar o levantamento estatístico para os seguintes pontos: *o tempo de vida de cada empresa*, para verificar a sustentabilidade proporcional de cada um dos grupos, e segundo, *o volume da produção*, para apurar no todo a proporção de cada um no mercado consumidor. Assim se mostraria que o enorme número de pequenas empresas, que impressiona alguns, em sua totalidade satisfaz apenas uma minúscula parte das





necessidades sociais, enquanto o baixo número de grandes empresas industriais cumpre aqui o papel principal. Mais: viria à luz toda a existência oscilante da pequena empresa, sua constante flutuação. E no que diz respeito especialmente aos números imponentes das “empresas individuais”, se provaria que, o que se coloca sob o magnífico nome “empresa autônoma”, não é nada além de um pedaço de sufocante e penosa miséria que muitas vezes está ainda abaixo da miséria do proletariado. Levantamentos estatísticos exatos deveriam provar que, na maioria dos casos, o ganho de uma “empresa individual autônoma” é inferior ao salário médio do trabalhador, enquanto a incerteza de sua existência é com frequência ainda maior do que a do trabalhador assalariado.

Apoiado nos resultados da contagem de empresas, *Der Deutsche Oekonomist*<sup>33</sup> descreve – em sua crítica ao estudo de Wiedfeldt – o artesanato como a área mais saudável do nosso organismo econômico e todo o moderno movimento artesão como uma planta artificial de “doutrinadores pessimistas, médicos demasiado cuidadosos e agitadores ambiciosos”. “Pare de intervir no corpo sadio”, clama a revista para os apoiadores da reacionária política de empresas médias. Na verdade, o salvamento das empresas médias empreendido pelo governo e partidos burgueses é um trabalho social malfeito e inútil. Mas no que se refere ao “corpo sadio” do artesanato, a crescente maré do movimento social-democrata dentro da pequena burguesia

---

33. N. da T.: ver nota 18, p. 36.





prova melhor que tudo que esse corpo sadio tem muitas feridas. No papel, nas estatísticas oficiais, o “autônomo” com um ou nenhum funcionário quer passar por uma ponte sólida sobre a diferença entre capital e trabalho, por um apoio da ordem existente. Na realidade social, ele é quase sempre tão escravo do capital como o proletário industrial e, seu companheiro no sofrimento na miséria e na insegurança da existência, é também seu aliado natural na luta de classes.





## II O CENSO NA FRANÇA

É um fato universalmente conhecido que a população na França há muito tempo retrocede de maneira assustadora. O resultado da contagem populacional, que acaba de ser publicado pelo *Journal Officiel*<sup>34</sup> para o ano de 1897, confirma esse fato novamente. Sem dúvida, o ano de 1897 foi especialmente favorável a este respeito e o número, com os nascimentos superando as mortes, foi o maior da década passada, ele atingiu 108.088. A mesma estatística mostra que, ao mesmo tempo, em comparação com outros países, a França tem também, para esse ano favorável, uma grande mortalidade e o menor número de nascimentos. Mais ainda, que em alguns *Departements*<sup>35</sup> (ao norte), houve também nesse ano uma diminuição absoluta dos nascimentos. No conjunto, então, a degeneração da França continua sem dúvida progredindo, como mostrou vivamente a última década. Enquanto, por exemplo, na Alemanha o excedente de nascimentos sobre as mortes perfaz em média 640.000 *por ano* (1891-1895), na Inglaterra menos, mas ainda assim é de 460.000, na França o excedente importa no reles número total de 292.315 nos últimos 10 anos, ou seja, em média apenas 29.231 por ano. Por quatro vezes nesse período, a França teve um *déficit absoluto da população*, predominando o número

---

34. N. da T.: Semelhante ao nosso *Diário Oficial*, fundado em 1869.

35. N. da T.: Ver nota 15, p. 34.





de mortes no ano de 1890 em 38.400, em 1891 em 10.500, em 1892 em 20.000 e em 1895 em 17.800. O número absoluto dos nascimentos diminui constantemente. Eles importavam em média 950.000 por ano entre 1872 e 1878; no período de 1890 a 1897, apenas 850.000/860.000; e o cálculo aritmético simples mostra que em 20/25 anos o número de nascimentos deve cair para 800.000 ou até para 760.000. Se a mortalidade não diminuir no próximo período, o povo francês vai parar em breve de crescer e uma diminuição absoluta [da população] vai chegar em pouco tempo. Como causa principal direta desse fenômeno é apontado o conhecido sistema francês de duas crianças, que é seguido especialmente pela pequena burguesia. Mas a abstinência sexual forçada de toda uma grande classe popular tem sua base profunda nas condições de vida social, sobretudo material e econômica da nação. Não é outra coisa senão a necessidade material, a dificuldade da luta pela existência e a incerteza dela, que obrigam milhões de pessoas do povo, indo contra a natureza, a renunciar ao instinto psicológico da multiplicação e, assim, minar a base da existência de toda uma nação. Até mesmo as relações familiares antinaturais da sociedade atual, um casamento normal e moderno e uma multiplicação livre do povo, são em grande medida impossibilitadas para a grande maioria. No limite, é responsável pela degeneração física da França atual nada menos do que a ordem social absurda na qual vivemos, *o capitalismo*. Além disso, a diminuição gradual dos nascimentos, e com isso a







redução contínua do aumento populacional, correspondendo ao caráter internacional da ordem social de hoje, não é um fenômeno limitado exclusivamente à França. Ela é muito mais um fato na maioria dos países capitalistas, com exceção, por enquanto, da Alemanha. Na Bélgica e na Suíça, na Inglaterra e nos Estados Unidos da América, há cerca de 20 anos, o aumento populacional mostra uma tendência de longo prazo à diminuição e nenhum investigador imparcial da vida social vai contestar que nós temos aqui, novamente, uma flor da ordem capitalista. Muitos outros resultados dessa ordem social mostram também sua monstruosidade, sua insustentabilidade e sua anormalidade de maneira mais viva e mais palpável, mas a sua absurdidade certamente não vem à luz de forma tão definitiva, senão nessa degeneração imperceptível e silenciosa de todos os povos, que mostra de maneira convincente que a tendência última e imanente do sistema capitalista é o extermínio do gênero humano. A luta contra *essa* ordem é um mandamento da autopreservação da humanidade.





### III

## A NOVA TRIBUTAÇÃO EMPRESARIAL<sup>36</sup> NA RÚSSIA

Com o novo ano, entra em vigor no Império Czarista uma nova lei relativa à tributação da indústria e do comércio. O sistema vigente tem origem muito antiga e raízes em uma lei do ano de 1824, que foi reformada apenas em parte em 1865. Na Rússia, mais do que em qualquer outro país, “as leis transmitem-se, e o direito, como doença sem fim e sem descanso”<sup>37</sup>. O conservadorismo legislativo nunca derruba Altes<sup>38</sup> e procura apenas retardar o andamento do desenvolvimento, erigindo sempre novos andares e torres sobre a velha construção, pelo que é conferida a forma mais bizarra a todo o edifício jurídico. A velha tributação empresarial do início do século foi apenas adaptada repetidamente através de leis “adicionais” (1884, 1885, 1889, 1892) para encaixar o incremento da indústria. A reforma introduzida agora deve ser observada como nova, passo adiante exigido na legislação pelo desenvolvimento econômico. E nisso está o seu significado real. Do ponto de vista do conteúdo, o novo sistema tributário pretende chamar o capital empresarial à maior participação nos encargos públicos e transforma, com esse objetivo, o até aqui sistema de licenças

36. N. da T.: A palavra alemã utilizada é Gewerbebesteuerung, que significa a tributação sobre a indústria e comércio.

37. N. da T.: Johann Wolfgang von Goethe, *Fausto: uma tragédia*, São Paulo, Editora 34, 2004, p. 191.

38. N. da T.: Personagem da *Iliada*, rei dos léleges.





das Guildas, que tem a pessoa do empresário como base, em tributação das empresas de acordo com seu tipo e localização. A isso acrescenta-se como complemento um encargo proporcional ao *capital e lucro líquido*.

Sem dúvida, o governo czarista avança nessa sobrecarga da classe capitalista com cuidado extremo: a tributação de capital importa em apenas 0,15% de dedução do há pouco mencionado encargo direto. Mais, o imposto sobre lucro líquido cresce progressivamente dos 3% aos 10% de lucro, sendo isentos os abaixo de 3% de rendimento líquido, mas, a partir dos 10% acabou o fôlego da legislação e ela estabeleceu uma razão percentual fixa. No geral, permanecem poupados assim, como sempre, os grandes tubarões da indústria e do comércio.

Em todo o caso, o novo sistema de impostos vai obter uma ampliação do imposto empresarial de cerca de 64 milhões de marcos para aproximadamente 110 milhões e, assim, dar na mão do governo czarista novos meios monetários para despesas militares e construções ferroviárias. O que se expressa na presente reforma tributária de forma inequívoca é o fato de que o objeto tributário mais importante do governo russo é, no final de seu latim econômico, a massa camponesa, de tal maneira que as vergastadas sistemáticas não possam lucrar mais nada com ela. E que, por outro lado, o capitalismo nas últimas duas décadas na Rússia avançou tão imensamente que também a ainda tão unilateral economia fiscal teve que levar esse fato em conta.





#### IV

### DESLOCAMENTO NO MERCADO MUNDIAL

Diante de nossos olhos, realiza-se um processo de deslocamento na economia mundial capitalista ao qual a classe trabalhadora tem toda razão de dedicar maior atenção. A última década é sabidamente a época de um incremento repentino e enorme da indústria norte-americana. Esse fato trouxe consigo, no entanto, pouco a pouco, toda uma fileira dos mais importantes epifenômenos sobre outras áreas da vida pública na América, mas consequentemente também na Europa e em todo o mundo capitalista. A transição da União Norte-americana para o sistema alfandegário protecionista, sua ânsia de poder mundial, sua guerra com a Espanha, suas conquistas coloniais, sua presente transição para as políticas dos militarismo e marinismo; por outro lado, o retrocesso da exportação industrial europeia para a América, pouco depois o começo da exportação industrial da América do Norte para as outras partes do mundo incluindo a Europa, junto com o retrocesso industrial da Inglaterra e a intensificação da concorrência no exterior para a Alemanha – tudo isso se entrelaçou em uma corrente lógica de causas e efeitos. Com isso, a íntima ligação econômica dos atuais países civilizados<sup>39</sup> em todo o globo terrestre e dos diferentes aspectos da vida social em cada país

---

39. N. da T.: A palavra no original é *Kulturländer*, que traduzida, literalmente, quer dizer os países com cultura.





no sistema capitalista vem à luz de maneira expressiva. Mas o que sobretudo salta aos olhos nesse processo social multifacetado é a *rapidez* espantosa com que se realiza, atualmente, o processo decisivo de deslocamento da economia mundial capitalista. Exatamente ao mesmo tempo que se tornam perceptíveis opiniões céticas nas fileiras social-democratas, como se o desenvolvimento capitalista não se realizasse com a aceleração pressuposta pela social-democracia, seguem um sobre o outro na América diferentes estágios desse desenvolvimento com uma precipitação tão alucinante como nunca antes desde a existência da economia capitalista. A Inglaterra precisou de mais de meio século desde o seu desenvolvimento até o domínio do mercado mundial, a Alemanha transformou-se em um Estado exportador importante somente nos últimos anos, um quarto de século depois da inauguração do período da sua grande indústria. Na América, toda a transformação efetuou-se dentro de uma década. A formação da grande indústria, a suplantação da importação estrangeira, a saturação<sup>40</sup> do mercado interno, a cartelização da indústria e a conquista de uma série de mercados estrangeiros seguiram-se um ao outro com acelerada precipitação. Um pequeno, mas típico exemplo, destacado da abundância dos fatos, nomeadamente, o desenvolvimento impressionante já referido por nós aqui da *indústria de folha de flandres*, pode ilustrar esse fenômeno. Fundada

---

40. N. da T.: A palavra no original é *überfüllung*, que significa superlotação. Em português, normalmente dizemos esgotamento, saturação.





somente há cerca de 7 anos, esse ramo da indústria alcança hoje uma extensão colossal. Já são mais de 300 fábricas e uma série de novas serão fundadas. A produção estrangeira, principalmente inglesa, é totalmente suplantada. Mas isso não é suficiente. A febre de fundação para fabricação de folha de flandres nos Estados Unidos leva *dentro de poucos anos à sobreprodução* e queda de preços, o que, por sua vez, provoca imediatamente a cartelização da produção. O cartel de folha de flandres surgiu em novembro do ano passado. Mas quão pouco a organização empresarial constitui uma solução suficiente e verdadeira da questão da concorrência, prova o seguinte fato. Enquanto o cartel americano de folha de flandres pretende restringir a produção e elevar o preço, ao mesmo tempo, na Inglaterra, prepara-se uma concorrência muito perigosa por causa dos preços muito baixos em sua produção de folha de flandres. A guerra industrial homicida não é assim superada, não é prevenida, ela é apenas transferida de um país para outro. A indústria inglesa é então duplamente abatida: ela perdeu seu mercado consumidor estrangeiro e está agora no melhor caminho para perder também o interno. Na indústria inglesa de folha de flandres também reina atualmente uma crise. Uma parte das fábricas celebra que a maior fábrica da Inglaterra e do mundo, a Worcester and Upper Forrest Works<sup>41</sup>, no País de Gales, está

---

41. N. da T.: Empresa fundada em 1845 como Upper Forest Works e absorvida depois pela Worcester Works. Em 1898, ela se transformou em Upper Forest and Worcester Steel and Tinplate Works Ltd. Parou de produzir em 1958 e foi demolida em 1960-1961.





sendo vendida em leilão depois de uma longa inatividade. Notavelmente, o dono anterior fundou uma nova fábrica na América, perto de Pittsburgh, na Pensilvânia. Assim, o capital vagueia de um país para o outro atrás das melhores condições de valorização e a divisão do trabalho entre os diferentes países, que futuramente vai corresponder aos interesses da sociedade como um todo, realiza-se hoje segundo a exigência dos interesses por lucro do capital. Mas a classe trabalhadora será prejudicada duplamente pelo processo descrito. Nos Estados Unidos, ela foi entregue incondicionalmente ao empresariado econômico e politicamente através da superprodução e cartelização. Na Inglaterra, ela foi atualmente em massa para a rua, em parte por causa do fechamento de uma série de fábricas, em parte pelas mudanças tecnológicas nas fábricas de folhas de flandres ainda em funcionamento, que foram forçadas a introduzir novos métodos de produção por causa da concorrência americana. Sobre os corpos dos proletários marcha o processo capitalista de desenvolvimento neste como em outros casos. As existências proletárias arruinadas são o adubo sob o qual floresce a esplêndida flor do lucro capitalista.

Mas não é apenas desse modo direto que se expressa o significado dos processos indicados no mercado mundial para a história da classe trabalhadora. O que nós temos hoje diante dos olhos é um período altamente importante na história geral do capitalismo. Toda uma enorme região conquistada pelo domínio do capital, um forte esgotamento do mercado





mundial, um correspondente agravamento da concorrência, uma série de mudanças técnicas – tudo isso são fenômenos que tanto confirmam aquela concepção do curso de desenvolvimento do capitalismo, que é pressuposta pelo moderno movimento dos trabalhadores, como também aceleram o fim desse desenvolvimento. Não é para as pequenas coisas dos remendos sociais, as chamadas reformas sociais dos Estados atuais, que a classe trabalhadora deve ter toda a sua mira. Ela deve observar sobretudo as grandes coisas no mercado mundial e na política mundial e não esquecer nem por um momento o enorme, o vindouro, diante da pequenez, do dia a dia.





## V

### OS TRABALHADORES DOS ESTADOS UNIDOS E A POLÍTICA DE ANEXAÇÃO

A *American Federationist*<sup>42</sup>, o órgão central dos sindicatos nos Estados Unidos, tomou posição em dois artigos interessantes, como relata o *Soziale Praxis*<sup>43</sup>, sobre a política de anexação atual da União. Os trabalhadores norte-americanos se declaram, segundo eles, decididamente contra a anexação das Filipinas e do Havaí. E não, como se poderia esperar, em consideração a uma eventual concorrência das forças de trabalho baratas das terras anexadas e ao perigo, ligado a isso, de uma redução geral dos salários. Os sindicalistas da União se deixam conduzir no seu protesto por pontos de vista mais elevados. O que eles temem é a funesta consequência da anexação de países nos quais ainda reina em parte a escravidão e onde o trabalho ainda está totalmente dominado pelo explorador e pelo poder estatal sobre as instituições democráticas da União e sobre a posição social e política da classe trabalhadora nestas

---

42. N. da T.: *American Federation of Labor*, federação sindical dos Estados Unidos fundada em 1881. Em 1919, ela possuía 3 milhões de membros. O objetivo da associação era melhorar as condições econômicas dos trabalhadores, garantindo a cada um o direito de se desenvolver, ser independente e ter livre iniciativa. A revista da federação era publicada desde 1894, tendo o presidente como editor. Ver: William C. Roberts (Comp.). *American Federation of Labor: History, encyclopedia and reference book*. Washingtons D.C., American Federation of Labor, 1919.

43. N. da T.: Revista semanal reformista, publicada entre 1894 e 1943.



mesmas instituições. A *Federationist* mostra que no Havaí, dos menos de 100.000 habitantes mais da metade vive, em realidade, sob trabalho escravo com contratos de trabalho longos, em geral de 7 anos; entre eles, 80% são chineses e japoneses e, em torno de 20%, portugueses e das ilhas do sul do Pacífico; mostra que o contrato de trabalho é imposto legalmente, que o trabalhador é instigado a se empenhar por um capataz com chicote e, caso ele abandone o trabalho, é preso. Relações parecidas reinam também nas Filipinas e a *Federationist* prevê, com razão, que com a tomada das ilhas pelos americanos não haverá uma troca das relações e do sistema, mas apenas de domínio. Que tais relações terão influência também na situação dos trabalhadores na União, dificilmente se pode duvidar. “Quanto tempo vai demorar”, escreve o jornal do sindicato, “até que, sob tais relações, as classes superiores deste país (os Estados Unidos) queiram empregar preferencialmente o uso da violência ao invés da vontade da maioria para seguir seus planos? Não será mais fácil transferir a indiferença desdenhosa contra o direito natural e a vontade dos trabalhadores assalariados de pele escura das Filipinas de igual maneira para os trabalhadores manuais de nosso sangue e no nosso país?” A anexação “conduzirá, além disso, ao fomento do desprezo pelo trabalhador manual e vai encorajar a visão indigna de que o forte deve explorar legitimamente os fracos e estes podem ser levados a isso para fornecer mais barato o luxo para o dominante”. O jornal dos trabalhadores volta-se com toda





a severidade também contra o exército regular e a política de poder mundial da União e pronuncia ao fim uma frase que os nossos políticos sonhadores do domínio do mercado mundial também deveriam notar bem: *“Uma nação que quer controlar o mercado mundial deve conceder liberdade aos trabalhadores e deve abrir o caminho para eles alcançarem o mais alto nível de estilo de vida no desenvolvimento intelectual. Apenas o povo que passa por isso será decisivo no mercado mundial e dirigirá o destino do mundo”*. As opiniões manifestadas aqui mostram que os sindicalistas dos Estados Unidos em relação à questão do militarismo e da política colonial são da opinião do movimento moderno dos trabalhadores e que eles são claros, principalmente, sobre a questão da política geral do país. Sem dúvida que seu protesto contra a anexação feita pela União vai permanecer uma voz no deserto, pois na América, como na Europa, os partidos burgueses ainda seguram o bastão da política externa inteiramente em suas mãos. Mas perante o claro entendimento dos trabalhadores sobre os perigos que os ameaçam, a nova era do desenvolvimento dos Estados Unidos não vai se esquivar de causar uma sólida união dos trabalhadores e dar a esse movimento um novo e forte impulso.





## PANORAMA ECONÔMICO E SOCIOPOLÍTICO III

### I

#### POLÍTICA COLONIAL SENSACIONAL

O governo do Reich deixou claro há tempos que não estancou o seu apetite colonial e não deve demorar muito até que nos felicitemos com a notícia de que os nossos “protetorados” foram ampliados com a aquisição das Ilhas Carolinas<sup>44</sup>. O que a nova aquisição significaria para o povo trabalhador está suficientemente claro pelo experimento político colonial da Alemanha até aqui. O orçamento dos protetorados para o ano de 1899 fornece novamente uma imagem sensacional dessa política. De acordo com esse orçamento, as receitas e o subsídio exigido do Reich para as colônias se apresentam da seguinte forma: 1. o protetorado da Companhia da Nova Guiné: receitas de 75.000 M, subsídio do Reich de 657.000 M; 2. Togo: Receitas de 804.000 M, subsídio do Reich de 254.000 M; 3. Camarões: receitas de 730.000 M, subsídio do Reich de 983.400 M; 4. Sudoeste da África<sup>45</sup>: receitas de 600.000 M, subsídio do Reich de 7 milhões M; 5. Kiauchau (ou Jiaozhou): receitas igual a zero, gastos extraordinários de 8,5 milhões M. Com isso, a receita total

---

44. N. da T.: Ilhas no Oceano Pacífico, a nordeste da Nova Guiné. Atualmente, estão divididas entre os Estados Federados da Micronésia e a República de Palau.

45. N. da T.: Atual Namíbia.





das colônias soma cerca de 2,2 milhões M, mas as despesas, cerca de 17,4 milhões M. Para que é utilizada essa enorme quantia? Quase exclusivamente para custos administrativos e manutenção das tropas de defesa! Todo o contrassenso da política colonial alemã expressa-se assim de modo grosseiro: são adquiridos territórios em partes desconhecidas do mundo que não apenas não trazem nada como devoram muitos milhões do bolso dos pagadores de impostos apenas pelo desejo da pura manutenção da dominação!

A classe trabalhadora tem muitos outros motivos profundos, além da questão financeira, contra a política colonial: ela vê nessa política o mais forte suporte do navalismo e do militarismo, da política interna reacionária, mais ainda, da inimizade entre os povos, dos atritos internacionais e das guerras; finalmente, ela condena na política colonial, *por princípio*, a dominação violenta de países e povos estrangeiros. Mas também, a política colonial tem o seu outro lado. A antiga política colonial inglesa e holandesa tinha pelo menos do mero ponto de vista capitalista um sentido, ela tinha em vista sobretudo interesses de produção e comércio do país. E apesar de a classe trabalhadora dever fazer frente resoluta à toda política colonial do seu ponto de vista de classe, a política alemã é mesmo especial, verdadeiramente uma paródia, mesmo do ponto de vista capitalista. Ela não encontra nem sequer nos interesses lucrativos do empresariado ou do Estado o seu direito histórico delimitado. Ela é um puro desperdício





dos recursos do Reich da Alemanha, uma política colonial pelo desejo de uma política colonial, uma drenagem de forças para construir uma potência mundial a qualquer custo e para apostar na política mundial com outras potências coloniais mais antigas. Contra esses dispendiosos e nocivos desejos, a classe trabalhadora deve se defender com toda a energia e em toda oportunidade. Onde faltam recursos para a menor reforma social para o bem da massa trabalhadora, para todas as tarefas civilizatórias (*Kulturaufgaben*), não deve o povo olhar com indiferença o desperdício de enormes recursos com fantasias da política mundial. Isso aumenta a obrigação do povo de observar muito atentamente no seu próprio interesse, sobretudo, os assuntos na área da política colonial e protestar ruidosa e insistentemente contra toda nova expansão territorial à vista, como atualmente é planejada para as Carolinas.





## II SOBRE A QUESTÃO DO EMPOBRECIMENTO

Nos últimos tempos foi, como se sabe, manifestado em nossas fileiras o pensamento de que a velha tática da social-democracia formulada em seus traços fundamentais por Marx e Engels no *Manifesto Comunista* e, sobretudo, a sua crença em um colapso iminente da ordem social presente são implausíveis, entre outras questões, porque se verificou agora que a classe trabalhadora não empobrece cada vez mais com o passar do tempo, como admitiram Marx e Engels, mas que, pelo contrário, ela ascende gradualmente a uma certa prosperidade.

Agora é inteiramente falso, como foi salientado muitas vezes nesse jornal, que Marx e Engels e a social-democracia alemã em geral falassem de *empobrecimento* material direto da classe trabalhadora como conjunto ou que contassem com ele como base da luta de classes revolucionária. Na questão do empobrecimento econômico, o discurso nunca foi de pauperismo. Os fundadores do socialismo científico veem nele apenas um sintoma do desenvolvimento capitalista, como ele se manifesta continuamente ao custo de *uma fração* da classe trabalhadora. O empobrecimento nunca atinge o proletariado no seu conjunto, mas sempre recai nele uma *parte* maior ou menor do proletariado que, pelo desenvolvimento capitalista, é pressionada para baixo, inclusive das fileiras da classe trabalhadora para o lumpemproletariado, “abaixo das condições de sua





própria classe<sup>46</sup>, como expressa o *Manifesto Comunista*. Que o último permanece verdadeiro até os dias atuais, que o empobrecimento de numerosos elementos da classe trabalhadora persiste como antes, provam numerosos dados entre outros, por exemplo, a nova *Estatística do Auxílio Público em Paris* (*Statistik der öffentlichen Unterstützungen in Paris*).

Nesse centro mundial com seus 2 milhões de habitantes, são amparadas com recursos públicos anualmente não menos que cerca de 130.000 pessoas. Precisamente, o número desses desventurados cresce tão rapidamente que no intervalo de dois anos, de 1893 a 1895, aumentou de 128.152 para 130.133. E desse número, cerca de 50.000 não são dependentes do auxílio público apenas temporária ou excepcionalmente, mas total e permanentemente. No ano de 1896 (o último para o qual há dados estatísticos), esse número chegava a 50.102 pessoas. Que esse grande exército de paupérrimos teve sua origem na classe trabalhadora, é de antemão claro. Daí chama a atenção a circunstância de que toda essa miséria se acocora atualmente nos bairros de trabalhadores de Paris, tanto que nesses bairros, a cada 100 habitantes cerca de 4 precisam ser mantidos permanentemente pela comunidade. É todo um exército considerável de empobrecidos de 50.000, ou 130.000 com os amparados temporários, mas na realidade a miséria em Paris é incomparavelmente maior do que é perceptível pela Estatística

---

46. N. da T.: Karl Marx, Friedrich Engels, *Manifesto do Partido Comunista*, São Paulo, Global, 2000, p. 87.







do Auxílio Público. Pois primeiro, o auxílio está vinculado a condições específicas como comprovação de total incapacidade de trabalho, três anos de permanência na capital, nacionalidade francesa etc., que não podem ser preenchidas por todos os necessitados. Segundo, deveria ser incorporado ainda no cálculo o número dos dependentes da beneficência privada. Uma noção da real miséria reinante dá, entre outros, o número daqueles que utilizam os albergues noturnos municipais e que eram, por exemplo, 200.000 pessoas em 1896, em Paris!

O que nós vemos em Paris é o caso de toda cidade grande moderna. O número das vítimas do desenvolvimento capitalista, os proletários que não mantêm mais a sociedade, mas devem se deixar ser mantidos por ela é realmente monstruoso, ele é muito maior do que se costuma admitir teoricamente ou na observação da superfície social. Para a luta revolucionária da classe trabalhadora, esses elementos miseráveis não apenas não são apoio, mas são decididamente um freio, posto que eles, na maioria das vezes, constroem os alicerces sociais adequados para a confusão anarquista. Mas como *sintoma* social, esse fenômeno é uma sentença de morte para a economia capitalista. Uma ordem que para a sua condição de existência normal gera o completo empobrecimento de centenas de milhares de trabalhadores em cada grande cidade, ou seja, milhões em cada grande Estado capitalista, atesta assim, irrefutavelmente, que é uma anomalia, uma loucura, que é incompatível com a continuidade da sociedade.





Que esse empobrecimento crescente e contínuo de todas as classes do povo é inseparável da ordem atual, comprova o fracasso de todas as tentativas de combater esse fenômeno. Também a Estatística do Auxílio Público em Paris, em relação à origem natal, mostra a marcha atual, conhecida em todos os lugares, do campo para a cidade. Dos 50.000 amparados permanentemente, mais de 36.000 vêm da província. Para criar uma contracorrente artificial da cidade para o campo, foi fundado há alguns anos em Chalmelle (*Departement de la Marne*) uma agência de trabalho<sup>47</sup> que procurava pegar os trabalhadores do campo empobrecidos, e que haviam migrado para Paris, e os alocar de volta na agricultura, empregando temporariamente em alguns cultivos até trabalhadores que procuravam emprego. E qual é o resultado? De ano a ano, a eficácia da agência torna-se irrelevante. Em 1895/1896, no total, 93 trabalhadores foram acolhidos pela agência, deles apenas 61 foram alocados, e todos esses felizardos já fugiram de seus empregos, mesmo abdicando dos salários vencidos! Uma experiência que também os nossos dirigentes das agências de trabalho deveriam notar. Eles igualmente, como prova a sua última conferência em Munique, tratam da sua doce utopia de subjugar novamente o nascente proletariado do campo ao inferno agrário.

---

47. N. da T.: O termo usado em alemão é *Arbeitsnachweisanstalt*. *Arbeitsnachweise* eram associações fundadas em torno de 1880 para mediar a busca por emprego e vagas existentes. Atualmente, na Alemanha, *Arbeitsnachweis* é um tipo de documento. Ainda hoje existem agências de emprego privadas e públicas, mas com outros nomes.





A roda do desenvolvimento não se deixa mesmo girar para trás. A marcha atual da força de trabalho do campo para a cidade é tão natural na sociedade capitalista quanto a aglomeração da massa condenada e miserável nas cidades industriais, quanto, por outro lado, também o desenvolvimento da luta de classes para as melhores camadas da classe trabalhadora, que deve preparar um fim para o capitalismo e todo o seu sangue.





### III O DESARMAMENTO RUSSO

Quem quiser alcançar uma breve, mas convincente instrução sobre como as palavras dos governos capitalistas correspondem aos seus atos, dê uma olhada no detalhado *Projeto para o Orçamento do Estado do Império Russo para o Próximo Ano*, publicado recentemente. Segundo ele, as receitas estatais somam cerca de 1,5 bilhões de rublos, as despesas outro tanto; precisamente, dos 1.571.732.646 rublos em despesas ordinárias e extraordinárias cabem:

Ao Ministério da Guerra e da Marinha.....	406.856.710
Ao Ministério dos Transportes.....	397.148.125
Ao Ministério da Educação.....	28.761.171

Esses três pontos do orçamento russo oferecem em todo o seu singelo laconismo uma imagem plena da economia interna do Império Czarista: armamentos e construções ferroviárias para amparo tanto do capitalismo como da política mundial – nisso se resume toda a atividade do Estado. Enquanto os armamentos sozinhos consomem não muito menos do que *um terço* e, junto com as construções ferroviárias, por volta da *metade* de todo o orçamento, são gastos para fins escolares de um país com mais de 100 milhões de habitantes menos do que 29 milhões de rublos, isto é, nem sequer *um quinze avos* do orçamento!



Mas seria absolutamente errôneo analisar os gastos da Rússia com armamento apenas pelo projeto orçamentário oficial. No Império Russo, cuida-se para não se deixar limitar demais pelo orçamento e, assim, o governo designou recentemente 90 milhões de rublos para navios de guerra independentes do orçamento, de modo que o militarismo consumirá cerca de *meio bilhão de rublos* no ano corrente. Assim desarma-se o mesmo governo que convida agora todos os outros para uma conferência de desarmamento em São Petersburgo<sup>48</sup>. “Conhecemos a melodia, conhecemos a letra, conhecemos também os atores: quando em público dizem ‘água’, bebem vinho nos bastidores”<sup>49</sup>.

---

48. N. da T.: Em 24 de agosto de 1898, foi publicado um manifesto do Czar russo chamando para uma reunião internacional pela manutenção da paz e redução do armamentismo. O motivo de tal convocatória era que as finanças da Rússia já não podiam mais acompanhar as necessidades de investimento em armamento, então, a saída foi tentar um acordo entre as potências. Essa iniciativa deu origem à primeira conferência pela paz em Haia, entre 18 de maio e 29 de junho de 1899.

49. N. da T.: Poema alterado de Heinrich Heine, *Alemanha, um conto de inverno (Caput I)*. No poema Heine fala na primeira pessoa singular, mas Rosa Luxemburgo utiliza a primeira pessoa do plural. Tradução de Romero Freitas, Georg Wink, “Alemanha, um conto de inverno (Caput I)”, *Artefilosofia*, Ouro Preto, n. 5, jul. 2008, p. 209-214.



#### IV

### CRESCENTE PROSPERIDADE DO POVO

Nas suas retrospectivas no ano econômico de 1898, todos os jornais burgueses e relatórios oficiais chegam à feliz conclusão: o ano econômico foi excelente e seu resultado foi uma “crescente prosperidade do povo”.

De fato, há provas suficientes de que o ano passado trouxe um incremento extraordinário na produção e no comércio. Sobreretudo a estatística do *comércio exterior da Alemanha* mostra isso. A importação alcançou, em 1898, 42,7 milhões de toneladas ou, em valores, 5.477,6 milhões de marcos. Ela cresceu, assim, em comparação com o ano de 1897, 2,5 milhões de toneladas e 613 milhões de marcos. A exportação alcançou 30,1 milhões de toneladas ou 4.001,7 milhões de marcos, isto é, comparado ao ano de 1897, cresceu mais de 2 milhões de toneladas e 215 milhões de marcos.

Mais: os resultados do *levantamento do imposto de renda* mostram o mesmo no reino da Prússia, cuja riqueza cresceu com muito mais força no ano passado do que em uma série de anos anteriores. O total de pessoas físicas com renda tributável na Prússia chegou a cerca de 6.774,9 milhões de marcos contra 6.374,6 em 1897, 6.086 em 1896, 5.936,9 em 1895, 5.784,8 em 1894, 5.725,3 em 1893 e 5.724,3 milhões de marcos em 1892. A velocidade do aumento, que ainda era lenta no começo da última década, tornou-se ao fim sempre mais rápida, de modo





que o ano passado, sozinho, apresenta um aumento da renda em mais de 400 milhões de marcos!

Por fim, também a estatística da *Caixa Econômica Prussiana* leva à mesma conclusão sobre o incremento econômico. O número das cadernetas de poupança mais que dobrou desde 1883, os depósitos bancários importaram em 4.967,68 milhões de marcos; são 23,4 cadernetas a cada 100 habitantes, 649,97 marcos para cada caderneta.

Tão sensacional parece o quadro resumido da “riqueza do povo” na Alemanha no ano de 1898. Agora coloquemos a questão: como se divide essa enorme riqueza entre as diferentes classes do povo, quem foi favorecido com o colossal incremento econômico do ano passado, com o crescimento da indústria e do comércio? Para isso, os seguintes números nos dão resposta. O rendimento do *comércio* aumentou, em 1898, 100,1 milhões de marcos; o rendimento de “*atividade lucrativa*”, como se exprime a classificação tributária, aumentou 89,4 milhões de marcos; o rendimento de *capital*<sup>50</sup> aumentou 53,7 milhões de marcos; o da terra, 31,2 milhões de marcos. Aumentaram assim, de maneira assombrosa, os rendimentos dos empresários, proprietários de terra, comerciantes, capitalistas. O rendimento da média e grande burguesia (com mais de 3.000 marcos por ano) aumentou tão rápido no último ano que, enquanto de 1892 a 1895 não havia atingido ainda 44 milhões de marcos,

---

50. N. da T.: O termo é *Kapitalvermögen* que pode ser também o patrimônio em dinheiro.





o crescimento desde 1895 até 1898 importa em mais de 568 milhões de marcos!

Mas é possível que o aumento da prosperidade no último ano estenda-se também para o povo trabalhador para onde parece chamar a atenção, em parte pelo menos, a existência de depósitos em caixas econômicas? Examine-se a estatística das caixas econômicas mais de perto e então essa suposição prova-se um paralogismo<sup>51</sup>. De fato, as cadernetas com menos de 150 marcos representam mais de 44% do número total de cadernetas, e aquelas com 150-160 marcos, mais de 29%, mas, ao lado delas, encontramos “cadernetas de poupança” de 3.000 a 10.000 marcos, que perfazem quase 3,5% e ainda também encontramos quase 0,5% de “cadernetas de poupança” com mais de 10.000 marcos! Essas duas últimas categorias, que certamente não cabem aos trabalhadores, mas aos capitalistas que, atraídos pelos proporcionalmente altos juros nas cadernetas de poupança, confiam seus capitais ou parte de seus capitais a elas, perfazem juntas quase a metade de todo capital da caixa: também essa estatística mostra, assim, o aumento da prosperidade da burguesia e não do proletariado.

Se nós olharmos diretamente para o nível dos salários nos últimos anos, procuraremos em vão um aumento minimamente próximo ao apresentado pelas riquezas da classe capitalista. Os salários aumentaram, em geral, em uma quantidade que quase não é digna de menção; em alguns ramos

---

51. N. da T.: Sofisma.





da produção não aumentaram nada. De todas as indústrias, a indústria mineira foi a que mais participou do incremento do ano passado. Os proprietários de minas de carvão fizeram excelentes negócios. Mas como foi com os salários dos trabalhadores? Estes importaram (para uma classe), em comparação com o ano anterior:

<b>Região</b>	<b>1897</b>	<b>1898</b>
Na Alta Silésia <sup>52</sup>	2,58 marcos	2,76 marcos
Norte de Dortmund <sup>53</sup>	3,64 marcos	3,83 marcos
Sul de Dortmund	3,44 marcos	3,66 marcos

Tão mínimo foi o aumento salarial na mais próspera indústria mineira, onde, ainda por cima, desaparece a concorrência de mulheres e crianças. Em outros ramos, onde o trabalho barato de mulheres e crianças, como provam os números estatísticos, cresceu extraordinariamente, no geral quase não se pode falar de um aumento dos salários. Mas se pode falar então apenas de um aumento mínimo do bem-estar também da classe trabalhadora? Aqui interessa, sobretudo,

52. N. da T.: Região situada entre os rios Oder e Vístula, com população majoritariamente polonesa e que foi integrada ao Estado polonês apenas depois de 1945, tendo permanecido por muitos anos como parte do Império Alemão. A Silésia e o Vale do Ruhr eram as principais regiões mineradoras da Alemanha, especialmente na extração de carvão.

53. N. da T.: Cidade do estado Renânia do Norte - Vestfália, uma das maiores cidades do Vale do Ruhr, região de intensa indústria mineradora nesse período, origem das empresas Thyssen e Krupp.



como o fator mais importante, os *preços dos mantimentos*. Já que o trabalhador precisa, via de regra, despender toda a sua renda para a subsistência, tem grande importância no seu orçamento o menor aumento de preço dos mantimentos. Apesar de todos os relatórios mentirosos dos ruralistas e sua imprensa, no ano de 1898 reinou, segundo relatórios *oficiais*, um encarecimento generalizado. Uma comparação com os preços do ano de 1897 mostra que, em 1898, estavam *mais baratos* apenas palha, feno, feijões (1,5%) e manteiga (0,5%). Em contraposição, tornaram-se mais caros: ovos (0,9%), lentilha (1,5%), carne de carneiro (1,6%), carne de boi (2,7%), carne de vitela (4%), banha de porco (4%), carne de porco (5,3%), batata (5,5%), toucinho (6,7%), ervilhas (7,2%), aveia (10,5%), cevada (12,1%), farinha de centeio (12,5%), farinha de trigo (13,3%), trigo (13,8%), e centeio (15,3%). Todos os mantimentos do trabalhador tornaram-se significativamente mais caros. Em vista disso, o pequeno aumento salarial, que foi obtido em indústrias específicas, converte-se não apenas em um mero suplemento nominal de dinheiro, que imediatamente caminha do bolso do trabalhador para o abissal bolso do ruralista, mas também, verifica-se no todo um déficit no orçamento doméstico do trabalhador, posto que o aumento salarial, nem de longe, foi tão geral e considerável como o aumento de preços dos mantimentos.

No resultado da observação do excelente ano econômico de 1898 e do “aumento assombroso do bem-estar do povo”, sobre





o qual cantam os jornais burgueses em todos os tons, vemos que toda a nata ficou novamente com as classes burguesas – comerciantes, empresários, proprietários de terra, rentistas. A classe trabalhadora lucrou com o incremento industrial tanto quanto nada e ainda teve que sofrer sob a política agrária do governo. Assim, comprovou-se também, no ano de 1898, que toda a atual economia existe apenas para o lucro. Se os tempos são ruins, então os trabalhadores carregam os custos no desemprego e no salário rebaixado; se os tempos são bons, então todo o ganho flui para a classe capitalista.

Mas os trabalhadores devem extrair um aprendizado prático dos dados sobre o aumento do “bem-estar” no ano passado: eles não estavam organizados e de prontidão o suficiente para lutar por uma parte dos lucros da prosperidade industrial. A conjuntura favorável ainda persiste; o revés, que se aproxima, ainda não começou. Vale agora *para os trabalhadores utilizar desse momento* para fortalecer o seu meio de luta mais importante – a organização – e torná-la pronta para a luta.



## V

### UM CARTEL MUNDIAL DE CEREAIS?

O *Chicago Times Herald*<sup>54</sup> apareceu recentemente com um projeto cuja realização é tão improvável, que é muito característico tanto da nossa situação econômica geral assim como das tendências atuais na América. Trata-se de um cartel de cereais entre os Estados Unidos da América do Norte e a Rússia com o objetivo de monopolizar os cereais no mercado mundial e “regular” o preço arbitrário. A ideia do jornal de Chicago apoia-se em um cálculo simples. A produção anual de cereais no mundo apresenta-se atualmente como segue:

País	Em milhões de bushel <sup>55</sup>
Estados Unidos	3,575
Rússia	2,12
Áustria	0,78
França	0,724
Alemanha	0,682
Inglaterra	0,301
Outros países	1,126

54. N. da T.: Jornal publicado entre 1895 e 1901 em Chicago, nos Estados Unidos.

55. N. da T.: Unidade de medida utilizada por países anglo-saxões, especialmente para grãos e farinhas. A quantidade em quilogramas varia de acordo com o cereal e pode variar também de país para país, porque a medida se dá pela quantidade de cereal que cabe em um determinado cesto ou estrutura de armazenamento.



Rússia e Estados Unidos com seus 205 milhões de habitantes produzem 5,695 milhões de bushel, enquanto o resto do mundo, com 800 milhões de pessoas, apresenta apenas uma produção de 3,613 milhões de bushel. Está claro que o mercado mundial depende totalmente da Rússia e dos Estados Unidos, que também são os principais fornecedores para todos os outros países. A *exportação* de cereais no período de 1891 a 1895 foi, em toneladas:

Estados Unidos	4.470.000
Rússia	2.000.000
Argentina e Chile	1.040.000
Índia	800.000
Romania	730.000
Canadá	240.000
Áustria-Hungria	150.000

Do estoque total de cereais exportados – 9.430.000 toneladas – cabem aos Estados Unidos e à Rússia, sozinhos, 6.470.000, isto é, mais do que dois terços. Em vista dessa situação, pareceu evidente ao jornal americano a ideia de que a América do Norte e a Rússia vão dominar completamente o comércio mundial de cereais, através de um acordo, e produzir um aumento artificial dos preços dos cereais para atingir, assim, lucros incríveis.





Como dito, a execução desse grandioso plano de agiotagem é, para a alegria da humanidade, extremamente improvável, pois a fragmentação da propriedade da terra, e com isso também da agricultura, tanto na Rússia como nos Estados Unidos, entra no caminho, impedindo um cartel tão vasto. A sugestão mesma lembra, no entanto, os áureos tempos dos especuladores de cereais medievais. Na realidade, o capitalismo volta a cair, no atual estágio de seu desenvolvimento, no delírio do monopólio, que mostrou seus primeiros passos. Que especialmente nos Estados Unidos, e não apenas na indústria, mas também no comércio, irrompa atualmente o monopólio, e em especial a ideia do *Chicago Times Herald* tenha vivido recentemente uma prova prática, demonstra a história da especulação de Leiter<sup>56</sup> na primeira metade do ano passado. O conhecido comerciante de cereais de Chicago queria dominar por conta própria o mercado mundial através da aquisição especulativa de uma grande parte dos estoques de cereais e embolsar enormes lucros. Ele também já havia adquirido 30 milhões de bushel e aumentado, assim, significativamente os preços na Europa. Sua especulação também foi arruinada por uma colheita inesperadamente rica e precoce na Argentina e no Texas e terminou, em junho, com

---

56. N. da T.: Joseph Leiter era filho de Levi Leiter e administrava a fortuna do pai entre 1892 e 1898. Entre 1897 e 1898, Joseph tentou monopolizar o mercado de cereais e quando este quebrou, seu pai teve que pagar milhões em dívidas. Alguns autores dizem que foi uma ação conjunta de seus concorrentes para frear a tentativa.





uma grande quebra. Assim, a mera prova de inauguração teve tempo de provocar uma massa de miséria e sofrimento sobre o povo trabalhador dos países europeus, pois a especulação americana também causou indiretamente, por exemplo, os recentes tumultos por causa da fome na Itália<sup>57</sup>. A atual Era do capitalismo na América mostra drasticamente, na correria sem sentido do monopólio, o caráter anti-humano e ameaçador à sociedade dessa ordem econômica.

---

57. N. da T.: Em 1898, ocorreram revoltas em diversas cidades italianas por causa da instabilidade econômica e da fome. O auge das revoltas foi na cidade de Milão com o Massacre de Bava Beccaris, general que derrotou as insurreições.





## VI CRÍTICA<sup>58</sup>

*As indústrias monopolizadas nos Estados Unidos,  
de Paul de Rousiers, Paris, 1898.*

A literatura sobre as organizações empresariais cresce extraordinariamente rápido nos últimos tempos. Nenhuma admiração! Não passa um mês, uma semana, sem que se ouça falar de novas organizações empresariais, especialmente na América. O poder econômico e social das novas estruturas econômicas se deixa sentir a cada passo, enquanto, no geral, não se tem bem ideia sobre a natureza interna, os efeitos sociais, o significado histórico dos cartéis no conjunto do desenvolvimento moderno – mesmo nas fileiras da burguesia assim como, em parte, nas nossas próprias fileiras. Manifestou-se recentemente na imprensa do partido a opinião de que as organizações empresariais seriam destinadas a se tornarem uma forma de produção mais ou menos universal e dominante e a eliminarem a anarquia capitalista sob a manutenção da dominação do capital e do sistema assalariado ou, ao menos, colocarem muitos limites ao sistema. Desse ponto de vista, cada novo trabalho que joga uma luz sobre as relações reais da formação e história dos cartéis é bem-vindo. Dessa perspectiva, também

---

58. N. da T.: Título atribuído pela redação do jornal.





merece atenção o estudo francês publicado há alguns meses. Ele é resultado de uma pesquisa especial sobre os trustes nos Estados Unidos, com a qual o autor, Paul de Rousiers, que já havia escrito dois trabalhos importantes sobre a questão trabalhista na Inglaterra<sup>59</sup>, ocupou-se no ano de 1896 por encomenda do Musée Social<sup>60</sup>, na França.

Rousiers resume rapidamente em primeiro lugar as diferentes correntes, frequentemente diretamente contrárias, do pensamento publicitado em relação às organizações de empresários. Depois, dá uma descrição detalhada da formação e da organização dos mais importantes trustes americanos: a *Standard Oil Company*<sup>61</sup>, o cartel de antracito<sup>62</sup>, de açúcar, de aço, de uísque (leia-se Uiski, a aguardente americana<sup>63</sup>), de corda naval e uma série de outros menores. Ao fim, ele formula suas observações gerais sobre causas, efeitos e futuro dos cartéis.

59. N. da T.: Paul de Rousiers, *La question ouvrière en Angleterre*, com prefácio de Henri de Tourville, Paris, 1895. E *Le Trade-Unionisme en Angleterre*, com colaboração de De Carbonnel, Paris, 1897.

60. N. da T.: Museu privado, fundado em 1894 e fechado em 1963. Incentivou pesquisas sobre questões voltadas para reformas sociais e foi um dos fundamentos para a construção do sistema francês de proteção social.

61. N. da T.: Maior companhia de petróleo da época. Funcionou de 1870 a 1911 e ficou conhecida no Brasil como Esso. A partir de 1911, a empresa foi obrigada a se subdividir em várias, algumas delas ainda com o nome *Standard*.

62. N. da T.: Variedade de carvão mineral brilhante e com baixo teor de betume.

63. N. da T.: Esses parênteses de Rosa Luxemburgo têm relação com a pronúncia em alemão da palavra Whisky. O “w” em alemão tem o som de /v/, por isso, Luxemburgo chama a atenção para a leitura com som de /u/.



O resultado mais importante da pesquisa de Rousiers é que alguns fatores inteiramente especiais da vida política e econômica dos Estados Unidos colaboraram muito para o desenvolvimento surpreendente que os trustes tiveram na América do Norte, em primeiro lugar *a empresa privada das ferrovias*. As proteções tarifárias concedidas pelas companhias ferroviárias e sua direta colaboração em todos os aspectos foram decisivos para a vitória do conhecido truste petrolero sobre seus concorrentes independentes. Mas essa colaboração das sociedades ferroviárias foi comprada pela *Standard Oil Co.* através da cessão de um número de suas ações para os membros dirigentes das sociedades ferroviárias, pelo que eles se tornaram, na verdade, coproprietários e interessados da companhia de petróleo. Tal forma de agir das sociedades ferroviárias e a quase ilimitada liberdade da empresa privada das ferrovias em geral estão ligadas, por seu lado, à história peculiar das últimas na América do Norte, às dificuldades e perigos das primeiras empresas desse tipo, que levaram o governo dos Estados Unidos a dar, quase sem nenhum apoio e limite, concessões para inaugurações de ferrovias, motivo pelo qual ele encara hoje quase totalmente impotente a movimentação anárquica das companhias.

O segundo fator altamente importante, que também tem responsabilidade pelo alastramento dos cartéis, é a política alfandegária protecionista dos Estados Unidos. O ramo industrial, cuja história ilustra drasticamente não apenas na



União Norte Americana, mas também nos Estados europeus, o efeito da política alfandegária, é naturalmente a indústria do açúcar. A existência do cartel do açúcar está ligada tão intimamente ao protecionismo que, na América do Norte, qualquer revisão dele se transforma em uma questão de vida ou morte, e assim, por exemplo, em 1894, quando se discutiu na Câmara dos Deputados sobre a *Bill Wilson*<sup>64</sup>, e o Partido Democrata quis realizar uma redução das tarifas, os acionistas da *American Sugar Refinin Company*<sup>65</sup>, como o truste se chama, apressaram-se a alienar rapidamente suas ações em silêncio para transferir as perdas da temida bancarrota da companhia a outras pessoas, mais ingênuas. Grosso modo, a mesma manobra se repete a cada revisão tarifária, quando o tremeluzir da luz vital da organização empresarial, como convém, reflete-se nas oscilações das suas ações. Em 1897, no começo da discussão sobre a *Dingle-Tarif*<sup>66</sup>, as ações do açúcar estavam em 110 dólares, ao final da discussão, que como se sabe terminou com a vitória dos “interesses do açúcar”, subiram para 140 dólares, o que significou para o capital total da companhia um ganho

64. N. da T.: Lei proposta pelo deputado William Lyne Wilson em 1894 e que reduzia os impostos de importação de diversos produtos e liberava outros como a lã, o cobre e a madeira.

65. N. da T.: Instalada em New Jersey em 1891, foi a maior companhia de refinamento de açúcar dos anos 1900 e era conhecida como *Domino Sugar*.

66. N. da T.: Em 1897, a Lei Wilson foi revogada e a Lei Dingley, proposta pelo deputado Nelson Dingley, foi colocada em seu lugar. Essa última lei aumentou as tarifas de importação em mais de 50%, incluindo a lã crua e manufaturada. A Lei Dingley durou até 1909, quando se tornou impopular.



de 13 milhões de dólares. É, portanto, apenas um resultado da pressão que o cartel do açúcar exerce sobre os legisladores americanos que a organização supere toda vez vitoriosamente os perigos de uma revisão tarifária.

Outro fator “artificial” da formação de cartéis, como se expressa Rousiers, são as *patentes de invenção*. Também em tais indústrias, nas quais nem a produção em si – por causa da limitação natural dos fornecedores de matéria-prima –, nem a política alfandegária criaram um monopólio razoável como base de uma organização empresarial, pode um monopólio formar tal base através de procedimentos técnicos especiais na produção. Isso é ilustrado na formação do cartel de cigarros e de borracha. A atual dominadora de quase toda produção de cigarros dos Estados Unidos, *American Tobacco Company*<sup>67</sup>, isto é, as empresas incluídas nela, produz além de cigarros também fumo, rapé, tabaco de mascar, charutos e folhas de charuto; contudo, essas empresas transformaram apenas um ramo de sua produção, os cigarros, em objeto de um monopólio cartelizado. A razão está em que as empresas conseguiram nesse ramo, através de um acordo com uma fábrica de máquinas de cigarro, não apenas monopolizar o melhor processo produtivo, mas também, com toda espécie de pretextos dessa fábrica, aplicar a perseguição judicial sobre cada novo inventor do ramo, que

---

67. N. da T.: Fundada em 1890 na Carolina do Norte, ela adquiriu dezenas de outras empresas de tabaco até ser obrigada e se dividir em 1911. Reestruturou-se em 1969, mas foi dissolvida em 1994.





queira vender sua invenção para outra empresa, de tal forma que, na prática, toda nova melhoria técnica deve ser vendida obrigatoriamente apenas para a *American Tobacco Company*. Esse negócio original vai tão bem que a companhia, fundada em 1890 com um capital de 10 milhões de dólares, depois de 3 anos já estava na posição de subtrair um lucro líquido de 4,3 milhões de dólares.

Finalmente, um fenômeno americano específico da vida pública e que tem ainda um grande papel no enorme desenvolvimento dos cartéis – é a usual cessão de serviços públicos para exploração do capital privado, existente desde sempre nos Estados Unidos. A empresa ferroviária privada, que serviu de base para a fundação de alguns cartéis poderosos, já foi mencionada. Mas a iluminação de gás e o tráfico de bondes na maioria das cidades são igualmente cartelizados; a telegrafia é explorada hoje em toda a União, o que não é o caso em nenhum lugar da Europa, quase completamente por um único truste, *Western Union*<sup>68</sup>, que engoliu desde 1856 cerca de 50 pequenas empresas individuais.

Assim, chega o autor à conclusão de que não é suficiente para a formação de cartéis um alto grau de concentração em um ramo da produção em si e para si. Na formação da maioria e, precisamente, dos mais poderosos trustes

---

68. N. da T.: Empresa fundada em Rochester, Nova Iorque, em 1851. Introduziu o serviço de transferência de dinheiro em 1871 com base em sua rede de telégrafos e oferece ainda hoje serviços de transferência monetária.





americanos colaboraram, como vimos, alguns momentos em parte universais, em parte especificamente americanos, mas em ambos os casos externos e “artificiais”, como a política ferroviária, a política alfandegária, empresas privadas em serviços públicos, sem os quais não se teria chegado à organização e à existência duradoura dos cartéis. Esses momentos “artificiais”, em sua forma particular nos Estados Unidos, o autor reduz à uma marcha geral na vida pública da União: precisamente à falsa concepção de direito público por parte dos americanos, segundo a qual os interesses estatais públicos e universais não são diferentes dos privados e, conseqüentemente, não são protegidos da exploração pelos interesses privados através de uma política inteligente e uniforme do Estado. Rousiers retira daí a consoladora conclusão para os países europeus de que, para nós, o perigo da formação de cartéis é muito pequeno, pois avançamos muito mais na concepção do direito público. Toda essa observação está naturalmente errada e exprime a especial preferência dos franceses de observar as coisas do ponto de vista público *legal*, puramente formal. Na realidade, essa ou aquela “concepção” abstrata de direito também não é subjacente à exuberante formação de cartéis na América, mas sim às relações em parte econômicas, em parte políticas e históricas. Somente uma essência verdadeira e muito importante encontra-se nas deduções de Rousiers, na medida em que ele salienta o efeito das relações especiais locais dos Estados Unidos sobre





o desenvolvimento das organizações empresariais e sentencia que a cartelização da indústria não é porventura uma fase normal e necessária do desenvolvimento da produção em um estágio determinado da concentração. “A concentração”, diz ele, “é um fenômeno universal e absolutamente normal; a monopolização (Rousiers a entende como cartelização) é um fenômeno exclusivo que tem continuamente em si certa artificialidade”. É necessária a conjunção de muitos fatores determinados, em parte naturais, em parte “artificiais”, para possibilitar uma formação de cartel e assegurar para ela uma existência duradoura. Por isso, está excluída uma expansão generalizada dos cartéis em todos os ramos industriais importantes – à esta conclusão totalmente correta conduz não apenas as observações mais superficiais de Rousiers sobre a história e organização dos trustes americanos, mas também a própria natureza interior universal da organização empresarial.

Em todo caso, Rousiers tem total razão quando ele considera a *abolição do sistema alfandegário protecionista* como o meio mais eficaz para os países europeus combaterem a expansão dos cartéis como na América.

Mas, se tem alguém com razão para se manifestar com toda a energia contra a formação artificial de monopólios industriais, através de uma louca política protecionista, é a classe trabalhadora. Abstraindo totalmente do encarecimento dos mantimentos e não apenas como consumidores, mas diretamente como assalariados, os proletários têm interesse





em uma contenção do movimento dos cartéis. Já no início dos anos 1890, Schoenlank chamou a atenção no seu trabalho sobre os cartéis<sup>69</sup> para o perigo enorme que as organizações empresariais e a monopolização da indústria trazem para o movimento dos trabalhadores e toda a existência do operariado. Pesquisas oficiais especiais sobre as consequências dos trustes para a situação dos trabalhadores nos Estados Unidos confirmam isso de maneira estridente. Assim descreve uma comissão do Congresso<sup>70</sup> a situação dos trabalhadores que estão sob o domínio dos cartéis das ferrovias e do carvão na Pensilvânia:

A comissão descobriu que as companhias de antracito têm milhares de trabalhadores excedentes nas mãos porque assim eles pressionam uns aos outros na procura por emprego e na submissão a todas as exigências; que elas mantêm os trabalhadores intencionalmente sem saber quando haverá ou não trabalho nas minas, de modo que eles não podem procurar emprego em outro lugar; que elas os mantêm como locatários nas moradias das companhias, de modo que elas recebem o aluguel tendo os trabalhadores recebido ou não seus salários e de onde os trabalhadores com mulher e filho podem ser despejados no meio do inverno quando fazem greve; que elas obrigam os trabalhadores a encherem carroças maiores do que o previsto no acordo salarial; que

69. N. da T.: Bruno Schoenlank, “Die Kartelle. Beiträge zu einer Morphologie der Unternehmensverbände”, em *Archiv für Soziale Gesetzgebung und Statistik*, v. 3, Tübingen, H. Laupp’schen Buchhandlung, 1890, p. 489-538.

70. N. R. L.: Congresso é o nome da Câmara dos Deputados da União nos Estados Unidos.







elas mantêm preços enormes para eles na compra de pólvora e outros meios de trabalho nas companhias, igualmente para a compra de carvão ao preço do cartel e frequentemente em algumas [empresas] específicas obrigam o trabalhador a uma demanda excessiva; que elas obrigam os trabalhadores a pagarem um médico mantido pela companhia, eles precisando ou não; que os trabalhadores devem pegar seus mantimentos nas lojas do cartel, de modo que, quando chega o dia do pagamento, ele já não tem mais dinheiro para receber, dessa forma estafou-se, por exemplo, um árduo trabalhador das minas por anos ou até mesmo por toda a sua vida sem nunca ter tido um único dólar em dinheiro vivo na mão; que as companhias anulam todo o trabalho por mistura com xisto ou outra contaminação do carvão e deste modo ganham de 5 a 50 toneladas gratuitas para cada 100 toneladas pagas de carvão etc. etc.”

O quadro acima, que aliás nós não retiramos do livro de Rousier, mostra-nos o trabalhador como uma ferramenta totalmente escravizada dos capitalistas do cartel, sem poder, tiranizado, diminuído, achatado, desumanizado! Nos cartéis, o capital celebra suas orgias mais cruéis e infames.

Mas a classe trabalhadora consciente não pode procurar, neste como em todos os outros casos, uma saída que gire a roda da história para trás e queira, como a pequena burguesia nos Estados Unidos, retirar do mundo a formação dos cartéis através de uma totalmente inútil perseguição legislativa das associações empresariais. A única coisa que uma classe que





marcha adiante com o desenvolvimento pode fazer em tal situação é, de um lado, lutar contra o protecionismo e, de outro, lutar pela maior expansão e desenvolvimento possível da legislação de proteção ao trabalhador e com força e paixão contra todo ataque ao direito de coligação.





## VII

### O PROJETO DE LEI PARA O *REICHSBANK*<sup>71</sup>

Os acontecimentos mais importantes da última semana, na área econômica, foram as reuniões do *Reichstag* sobre o projeto de lei para o *Reichsbank*. Os pontos que aqui nos interessam desse projeto de lei são: 1. o aumento do capital social do *Reichsbank* em 30 milhões de marcos – de 120 para 150 milhões de marcos; 2. a obrigação de bancos emissores privados de não descontarem abaixo da porcentagem do *Reichsbank*.

À primeira vista, poderia parecer que *estas* questões, na verdade, só podem dizer respeito aos capitalistas, aos financistas, aos ruralistas, sobretudo àquelas classes que têm negócios com o banco – mas não à classe trabalhadora. Por si só, isso seria um paralogismo. Sem dúvida, a classe trabalhadora não tem interesse *direto* no *Reichsbank*, nem nesta ou naquela organização do sistema bancário. Seus interesses, no entanto, são tocados *indiretamente* de forma mais ampla. Já que a respectiva posição da classe trabalhadora e igualmente seus esforços para a libertação definitiva do jugo capitalista baseiam-se no próprio desenvolvimento econômico e político da sociedade capitalista, então a luta proletária depende em grande medida de tudo aquilo que influencia o andamento do desenvolvimento capitalista. Neste aspecto, o sistema

---

71. N. da T.: O *Reichsbank* foi o banco da Alemanha de 1876 a 1948; era o banco central, criado depois da unificação em 1871.





bancário, isto é, o sistema monetário e creditício, desempenha um papel colossal.

O que se expressa, sobretudo nos dois pontos citados do projeto de lei governamental sobre o *Reichsbank*, é, primeiramente, o desenvolvimento colossal da indústria e do comércio, o *incremento econômico* dos últimos anos; em segundo lugar, de mãos dadas a isso, a tendência em marcha à *concentração* de operações financeiras e de crédito. O *Reichsbank* foi fundado em 1875 e desde então sua atividade comercial nos ramos mais importantes se ampliou da seguinte forma:

Os investimentos em letras de câmbio do banco somavam, em 1876, 402,9 milhões de marcos; já em 1898 eram 713,9 milhões, isto é, a expansão do negócio chega a 77%.

A circulação de notas bancárias somava, em 1876, 684,9 milhões; no ano passado 1 bilhão e 124 milhões de marcos; aqui a ampliação do negócio alcança 64%.

Finalmente, os fundos estrangeiros do *Reichsbank* que chegavam a 218,8 milhões em 1876, agora são 474,6 milhões de marcos, o que representa uma expansão no total de 117%, isto é, mais do que o dobro do volume do negócio.

Para sustentar essa crescente circulação monetária e creditícia, as sucursais do *Reichsbank* foram ampliadas de ano a ano: havia 183 no ano de fundação do *banco*, depois de 15 anos eram 243 e hoje já são 294. Tendo em vista que o *Reichsbank*, como qualquer outro [banco], necessita de um





capital próprio para o negócio e a garantia das operações financeiras diversificadas, este capital deve também ampliar em uma proporção determinada à expansão dos negócios do banco. Daí a ampliação do capital social em 30 milhões de marcos exigida pelo projeto de lei.

Outro lado das operações financeiras e creditícias nas últimas décadas é sua concentração. Nos anos 1870, tratavam dessas operações na Alemanha, além do *Reichsbank*, mais 17 bancos emissores privados. Mas eles diminuíaam cada vez mais: em 1887 para 15, em 1890 para 12, em 1891 para 8, e hoje há apenas 7 deles. Não é somente dessa maneira mecânica que se manifesta o grande efeito da tendência à concentração na vida econômica atual. Todo mundo sabe como o crédito desempenha um papel colossal para a sociedade capitalista de hoje. Uma das formas mais importantes de concessão de crédito é o chamado desconto das letras de câmbio. Já vimos como cresceu intensamente os investimentos em letras de câmbio do *Reichsbank*. Aí se manifesta, precisamente, o incremento industrial, a grande demanda por dinheiro para fundações, atividades comerciais etc. Mas o crédito pode ser concedido mais barato ou mais caro e, com isso, a indústria e o comércio internos são favorecidos ou não. O *Reichsbank* deixa-se guiar na sua concessão de crédito pelo curso geral do negócio no país, pela quantidade de dinheiro circulante etc. Ele dificulta ou facilita o crédito para o mundo dos negócios de acordo com a segurança da





situação comercial em geral, conforme a falta ou excesso de dinheiro no país etc. Assim, ele aumentou, por exemplo, nas últimas semanas do ano passado, a chamada taxa de desconto das letras de câmbio – isto é, encareceu e dificultou bastante o crédito, porque o impulso das fundações parecia ser muito forte. Deste modo, através da chamada “política do desconto” – isto é, encarecimento ou barateamento do crédito – introduz-se, em alguma medida, uma direção e um plano na engrenagem anárquica, não planejada e descontrolada da economia monetária capitalista. Ao lado do *Reichsbank* também os bancos emissores privados concedem crédito aos industriais, comerciantes etc. E como eles querem simplesmente atrair para si o lucro da expansão do negócio, eles concedem um crédito, via de regra, mais barato e mais fácil que o do *Reichsbank*. Dessa maneira, a direção e a ordenação do sistema de crédito no país pelo *Reichsbank* foram fortemente frustradas, pois ele dificulta o crédito, por exemplo, para conter a febre de fundações. E assim os empresários se dirigem com suas letras de câmbio para os bancos emissores privados e recebem aí o dinheiro desejado. O atual projeto de lei do *Reichsbank* exige que os bancos emissores privados sejam proibidos de conceder um crédito mais barato do que o *Reichsbank* dá. Deste modo, a anarquia e a falta de planejamento são limitadas novamente ao ponto da economia monetária e, no seu lugar, alarga-se a direção unificada a partir do centro, do *Reichsbank*.





Aqui temos uma brilhante confirmação da nossa concepção do desenvolvimento universal da economia capitalista. Uma região após a outra nessa economia desenvolve a anarquia. A liberdade de ação dos interesses privados, o governo ilimitado do lucro privado – tal como a economia capitalista proclamou como seu fundamento, seu evangelho – prova-se, em certo estágio do desenvolvimento, simplesmente impossível, insustentável, incompatível inclusive com a própria economia capitalista. Um plano uniforme, uma visão geral de toda a economia, uma direção da engrenagem por um centro do mesmo modo naturalmente em desenvolvimento – este é o resultado característico da economia capitalista. E, por isso, o último resultado desses resultados será a superação total do capitalismo, cuja anarquia se tornará definitivamente insustentável, e a introdução do planejamento e da direção uniforme em toda a economia social, isto é, a socialização de todo o mecanismo da produção e da troca.

O atual projeto de lei dos bancos é uma expressão de dois fatos: primeiro, que a economia capitalista se desenvolve extremamente rápido; segundo, que ela se desenvolve especificamente na direção que leva à concretização do ideal social-democrata.





## VIII

### NOVA ERA NA POLÍTICA ALFANDEGÁRIA CUBANA

Com o primeiro de janeiro, entrou definitivamente na ilha de Cuba, no lugar dos espanhóis, a política alfandegária dos Estados Unidos. Desde o término da guerra hispano-americana, vencida pela América, e da anexação de Cuba, havia inquietação em toda a parte pela virada na política alfandegária dos Estados Unidos. A União seguiria agora o princípio das “portas abertas” – isto é, o livre-comércio – em relação às terras recém-conquistadas ou, conseqüente com seu próprio sistema protecionista, privaria também as colônias da livre concorrência dos outros países industriais? O último caso parecia ser mais provável. A nova tarifa alfandegária para Cuba prova que se iludiram os receosos, ela mostra ao mesmo tempo, de forma brusca, a diferença entre o domínio de um Estado podre, medieval e um Estado industrial moderno, ambicioso.

A Espanha comerciou em Cuba até o último momento segundo métodos puramente medievais. Enquanto havia em 1869 para ela tarifas reduzidas, para Cuba em 1870 foi estipulada uma tarifa fortemente elevada por motivos puramente fiscais, para aumentar as receitas alfandegárias espanholas, pela qual especificamente a exportação dos principais produtos cubanos – açúcar, mel, cera, madeira, tabaco – foi dificultada por causa das tarifas de exportação.







Até 1875, aumentou-se ainda essa alta tarifa de exportação em três vezes e em 25% a tarifa de importação. Essa última foi escalonada totalmente segundo princípios medievais, de acordo com o país de origem da mercadoria e com o navio importador. Mercadorias espanholas em navios espanhóis pagavam 4% do valor – em navios estrangeiros, pagavam 6%. De mercadorias estrangeiras importadas por navios espanhóis era cobrado 8%. Em navios estrangeiros, em comparação, a tarifa era 10% do valor da mercadoria. Entretanto, as tarifas aduaneiras individuais eram modificadas quase todo ano, e no geral dominava na política alfandegária cubana uma tal confusão que nem os comerciantes estrangeiros e nativos nem os funcionários públicos viam sentido naquilo. Todo o sistema tarifário era calculado para manter artificialmente para a Espanha uma posição de monopólio no comércio cubano. Quão mais fortes, entretanto, são as relações econômicas frente aos entraves artificiais que se colocam no caminho delas mostra o fato de que, apesar das tarifas mencionadas, o papel dominante no comércio cubano foi tomado não pela Espanha, mas pelos Estados Unidos, especialmente em relação à exportação de açúcar cubano. Os Estados Unidos procuraram também, ainda no tempo do domínio espanhol, extorquir tarifas subsidiadas em Cuba. Com esse objetivo, foi adicionada a cláusula de reciprocidade à *McKingley Bill*<sup>72</sup>, pela qual o presidente da União foi

---

72. N. da T.: Lei protecionista implementada por William McKinley em 1890,





autorizado a impor tarifas diferenciadas a produtos daqueles Estados que importavam açúcar, melaço, café, chá e couros para a América do Norte, sem conceder tarifas muito subsidiadas para os produtos da União. Isso objetivava expressamente Cuba, causando também ali muito alarme e um movimento tão forte que a Espanha sob pressão foi obrigada a assinar o contrato comercial de 1º de agosto de 1891 com os Estados Unidos referente a Cuba e Porto Rico. Foi concedida à União americana uma série de isenções alfandegárias para outras mercadorias e descontos tarifários de 50 a 70%. A história acima das relações alfandegárias cubanas mostra-nos de maneira tangível como as relações econômicas da ilha com a Espanha, apesar de todos os esforços da última, tornaram-se sempre mais frouxas, enquanto que aquelas com os Estados Unidos tornaram-se sempre mais estreitas e como, dessa forma, a desvinculação de Cuba da Espanha e sua anexação pela União foi preparada no curso do desenvolvimento e assim foi alcançada a base material tanto do movimento nacionalista cubano como da guerra hispano-americana.

A nova tarifa alfandegária americana para Cuba acaba com o antigo sistema espanhol. Ela põe de lado qualquer diferença em relação à proveniência da mercadoria, limita fortemente as tarifas de exportação, revoga as tarifas de

---

umentando as taxas de importação. No entanto, esta lei isentava de impostos alguns produtos caso fossem exportados de países com alguma reciprocidade alfandegária.





importação de algumas mercadorias e reduz para todas as outras, em média, 62%. Em breve, vai acabar também com o antiquado sistema de tarifas internas, sob o qual Cuba ainda sofre. Em uma palavra, o comércio de Cuba se liberta das correntes artificiais e se moderniza.

Para um protecionista europeu, especialmente um alemão, esse começo dos Estados Unidos aparece totalmente enigmático. Assim, o jornal *Deutsche Industrie*<sup>73</sup> chama essa nova tarifa em Cuba de “assombrosa” e fareja atrás de suas tendências livre-cambistas alguma malícia, um objetivo oculto e astuto por parte da União. Uma cabeça protecionista não consegue compreender o que está na cara: que os Estados Unidos podem se ater totalmente à força interna de seu próprio comércio e não precisam criar proteções monopolistas sobre ele. Que o sistema de reduções das tarifas alfandegárias é mais vantajoso também no puro aspecto fiscal, prova o fato de que já nos meses de agosto, setembro e outubro de 1898, quando através de uma ordem dos Estados Unidos passou a valer sobre Cuba o mínimo das tarifas alfandegárias espanholas, as receitas alfandegárias importavam 221.000 dólares, contra 165.000 nos mesmos meses do ano passado, quando ainda valia o máximo da tarifa.

Também a comparação da economia alfandegária espanhola e americana para Cuba dá prova suficiente: onde

---

73. N. da T.: Órgão oficial da Câmara de Comércio de Chemnitz, Dresden, Plauen e Zittau, fundado em 1865.





o comércio não tem base econômica, o melhor protecionismo não o impulsiona e onde, pelo contrário, o comércio se baseia em uma relação natural e recíproca da produção em ambos os países, *o protecionismo não é necessário.*







## PANORAMA ECONÔMICO E SOCIOPOLÍTICO IV

### I

#### UMA QUESTÃO DE ESTATIZAÇÃO

O projeto de lei para o *Reichsbank*, sobre o qual discutimos aqui na semana passada<sup>74</sup>, encontra-se atualmente na comissão em que, de um lado, há a oposição agrária contra ele e, de outro, prossegue a sua ação de defesa. Do nosso ponto de vista, vale a pena tratar ainda de uma questão que é levantada regularmente em relação a este projeto de lei e que tem um interesse especial para nós social-democratas: a questão da estatização do *Reichsbank*.

Antes de tudo, como nos posicionamos em relação à estatização em geral? Nós batalhamos, como se sabe, pela socialização da economia e a estatização é, em determinadas circunstâncias, uma etapa para essa transformação. “Em certa fase do desenvolvimento, essa forma [sociedades anônimas]<sup>75</sup> também já não é suficiente: o representante oficial da sociedade capitalista, o Estado, é obrigado a assumir sua condução”, diz Engels no *Anti-Dühring*. Mas ele acrescenta logo depois: “Digo que é obrigado, porque só no caso em que os meios de produção ou de troca *realmente* suplantaram a condução pelas sociedades

74. N. da T.: Tópico VII da série de artigos anterior.

75. N. da T.: Adicionado por Rosa Luxemburgo.





por ações (ou seja, quando a estatização se tornou economicamente irrefutável), só nesse caso ela significa, mesmo que o Estado atual a leve a cabo, um progresso econômico, a chegada a um novo pré-estágio de tomada de posse de todas as forças produtivas pela própria sociedade”<sup>76</sup>.

A estatização, pois, muito longe de ser uma questão de princípio para nós, serve-nos apenas sob condições totalmente determinadas, a saber, quando ela se torna necessária economicamente, isto é, do ponto de vista da atividade econômica.

Qual a posição a este respeito em relação ao *Reichsbank*? A sua estatização não significaria nem um progresso econômico, nem um avanço no nível do negócio, porque ele *já* é estatizado no que diz respeito à sua *atividade econômica*. Sua política monetária e de notas bancárias é regulamentada pela legislação do *Reich*, sua direção está nas mãos de funcionários do *Reich*. Assim, aquele momento único e exclusivo em que uma estatização pode se tornar aceitável para nós já foi concretizado na atual organização do *Reichsbank*. No entanto, o *Reichsbank* é um meio termo. Não obstante a direção estatal, os seus lucros fluem em grande parte para o bolso de acionistas privados. O que é privado aqui é a *apropriação*, mas para nós pode interessar apenas a *atividade* na questão da estatização, pois somente esta, estatizada, pode significar um progresso econômico. Esta ou aquela forma de apropriação, pelo contrário, é indiferente

---

76. N. da T.: ENGELS, Friedrich. *Anti-Diöbring: a revolução da ciência segundo o senhor Eugen Diöbring*. São Paulo, Boitempo Editorial, 2015, p. 313-314 (nota).





em um caso isolado, do ponto de vista do desenvolvimento econômico geral. Via de regra, entretanto, coincidem empresa privada e apropriação privada, empresa estatal e apropriação estatal, o que dificulta a diferenciação dos dois momentos. Mas no *Reichsbank* temos o caso raro em que esses dois lados da economia se desfazem, pelo que também a questão da estatização ganha aqui um interesse especial. É que ela é reduzida apenas à apropriação, assim caem por terra aqueles pontos de vista pelos quais nós nos deixamos guiar – o do desenvolvimento econômico –, e aparecem outros no primeiro plano, de natureza puramente política. A questão da estatização do *Reichsbank*, como é colocada hoje, traz meramente a questão de quantos milhões nós queremos retirar anualmente dos capitalistas privados e redirecionar para o tesouro do *Reich*. Uma questão que, de qualquer modo, não tem nada a ver com o nosso programa, os nossos princípios, e que nós não podemos decidir do ponto de vista do desenvolvimento econômico geral, mas das relações políticas de poder imediatas.

Mas não é errado enriquecer capitalistas privados com lucros de uma instituição do *Reich*, ao invés de usá-los para diminuição dos impostos e alívio da massa do povo? Com certeza, mas apenas no caso em que fossem criadas garantias anteriores, ou simultaneamente, de que os fundos serviriam realmente para diminuição dos impostos para a massa do povo e não, pelo contrário, para o fortalecimento do militarismo e fomento das tropas de reação feudais. Se essas garantias não







são criadas, então o ganho político potencial da estatização dos lucros se reverte no seu contrário, em um grande risco político. Deve-se refletir realmente que por mais indesejado que também seja o inchaço do capital privado explorador através de meios estatais, a atual repartição dos ganhos leva mesmo à pulverização dessas grandes somas nos bolsos dos capitalistas individuais e à sua absorção nos mecanismos comuns de bombeamento da produção e do comércio. Pelo contrário, através da estatização, as somas são condensadas nas mãos de uma potência política forte que pode muito facilmente se voltar contra nós. A diminuição dos impostos e o alívio da massa do povo por esse caminho significaria, a nosso ver, uma “desobrigação” para os representantes do povo do direito de outorga de impostos e uma “facilidade” para o governo do *Reich* encontrar recursos para fins militares, entre outros fins reacionários.

Permanece ainda a questão dos bancos privados. Também aqui precisamos diferenciar o negócio da apropriação. Enquanto a estatização do ponto de vista da *apropriação* do lucro já é realizada como visto acima, a estatização de seu negócio aparece como uma reforma progressista e desejada.

Mas essa reforma se consolida, primeiramente, através do desaparecimento gradual dos bancos emissores privados e, em segundo lugar, através da intervenção do *Reichsbank* no negócio. Deste ponto de vista, a proibição presente no projeto de lei dos bancos privados de abaterem abaixo da taxa de descontos do *Reichsbank* é de se considerar como





uma estatização parcial, um progresso econômico, porque é um passo para fora do particularismo e em direção à centralização, unificação e socialização da economia.





## II

### DO PAÍS DAS REVOLTAS DE FOME E DO ANARQUISMO

A má gestão do governo italiano já se tornou mundialmente conhecida. O levante da fome<sup>77</sup> e as deportações de líderes socialistas, roubos a banco e crimes anarquistas proporcionaram ao magnífico governo do rei Umberto<sup>78</sup> uma fama merecida. Mas agora se apresenta como procurador implacável do grupo de criminosos reinante na Itália um homem, cuja voz tem o dobro ou o triplo da importância, mesmo porque ele não é um socialista, um “agitador”, nem mesmo um democrata radical, mas um burguês da mais alta estirpe, um financista pragmático. Ele é *Tito Canovai*<sup>79</sup>, que em seu livro italiano recentemente publicado – *A Itália atual e seus problemas morais, políticos, econômicos e financeiros* –, critica duramente o governo de seu país. A linda Itália encontra-se na mais profunda decadência econômica e social, à beira do abismo; este é um fato que Canovai anuncia tão abertamente quanto ilustra com uma abundância de fatos drásticos. Onde se encontra a razão do mal?

77. N. da T.: Ver nota 56, p. 94.

78. N. da T.: Rei da Itália de 1878 a 1900, quando foi assassinado. Seu reinado foi de expansão colonial sobre regiões da África, tendo sido derrotado em 1896 pelos etíopes. Foi ele quem assinou o acordo de Tríplice Aliança com o Império Alemão e Austro-Húngaro em 1882.

79. N. da T.: Nasceu e morreu em Florença (1888 e 1972), foi prefeito de Verona, Viterbo, Cagliari, Perugia, Pescara.





Canovai responde sem rodeios: no equivocado e criminoso sistema governamental. É falso, diz ele, atribuir os tumultos da fome do ano passado aos altos preços do pão. Eles foram apenas uma eclosão repentina de uma doença social que se arrasta e que deve ser creditada à *política tributária* bárbara da Itália. Canovai prova através de cálculos peculiares que os impostos e encargos públicos no geral, especialmente o orçamento militar e a dívida pública, apesar de serem menores por habitante do que em outros grandes Estados, representam de fato, em comparação com o patrimônio privado do país, um peso significativamente maior do que em todos os outros países.

E esses encargos públicos, com todo o seu peso esmagador, recaem sobre os ombros das classes baixas, enquanto os mais ricos estão quase totalmente livres deles.

Tito Canovai prova além disso, com base em números, que o governo italiano acrescenta anualmente 55 milhões de francos ao negócio ferroviário. De onde vem esse desperdício de recursos públicos? Aqui também ele revela a abominável política de classes do governo: toda espécie de golpes nas expropriações, construção de caminhos “políticos” e “eleitorais”, em uma palavra, a gestão de ferrovias como um meio de enriquecimento de capitalistas individuais e suporte à corrupção política. Outra fonte da miséria do povo é, segundo Canovai, o *proteccionismo* da Itália. E também aqui são exatamente os alimentos do povo pobre os mais onerados.



A tabela seguinte mostra quão enormes são as taxas alfandegárias em comparação com o preço dos produtos:

<b>Produto</b>	<b>Preço por Quintal<sup>80</sup></b>	<b>Taxa alfandegária</b>
Petróleo	17 fr	48 fr
Café	220 fr	150 fr
Açúcar (processado)	37 fr	99 fr
Açúcar (não refinado)	28 fr	88 fr

Canovai demonstra como é falsa a retórica da indispensável proteção da produção nacional. Isso é comprovado pela mesma agricultura que, pela vontade do governo italiano, implantou monstruosas taxas alfandegárias para os grãos e impeliu o povo à revolta. Apesar disso, a taxa foi aumentada de 1887 a 1894 de 1,40 fr por quintal para 7,50 fr e a produção de cereais aumentou até 1896 apenas de 34,7 milhões de quintais para 39,9 milhões. As taxas alfandegárias, assim, não serviram evidentemente para elevação da produção, mas ao enriquecimento fácil dos ruralistas.

Por fim, diz Canovai, não são os socialistas que criam no povo insatisfação e espírito oposicionista com suas agitações. A má gestão financeira e política é que leva o povo

80. N. da T.: Unidade de medida que equivalia a 100 unidades de medidas básicas (pfund ou quilograma). No geral, na Alemanha, compreendia-se o quintal como sendo 100 pfund (pfund equivale a meio quilo), totalizando 50 kg. Em outros países, incluindo a Itália, o quintal equivale a 100 kg.



para o desespero, mas também os escândalos parlamentares e bancários, que abalam profundamente a reputação do governo na opinião pública e minam o respeito do povo pelo Estado. Também a política do governo, isto é, as perseguições da oposição, as deportações, a repressão da opinião pública em suas declarações, seria um caminho equivocada para a melhoria da situação. Esta seria uma luta contra os sintomas e não contra o mal em si. Diminuição da carga fiscal, notadamente sua distribuição mais justa, abolição do sistema protecionista, fim da escandalosa economia ferroviária e de toda a corrupção política, somente isto poderia dar de volta à Itália sua importância.

Assim, a razão do mal, pelo qual o povo italiano definha, chama-se corretamente: *inescrupulosa dominação de classe*, governo brutal do saco de dinheiro. Consequentemente, espera-se tanto do atual governo da Itália que siga a ameaçadora palavra de advertência de Canovai, quanto de um arbusto de cardos que ele produza figos. Apenas o próprio povo trabalhador pode sanear o estado geral da Itália, declarando contra a impiedosa dominação de classe a igualmente impiedosa luta de classes.





### III

## SABEDORIA DOS PROFESSORES FRANCESES SOBRE O MARXISMO

*História das Teorias Econômicas*<sup>81</sup> de Joseph Rambaud,  
Professor de economia política na Faculdade Católica de  
Direito em Lion, Paris 1899.

Na maioria das histórias do pensamento econômico até agora publicadas, a teoria do socialismo científico não encontra absolutamente nenhuma consideração. No máximo em um ou dois trabalhos relevantes, o nome de Marx é rapidamente citado em uma longa lista de outros “economistas recentes”; na maioria dos casos não se dá a menor atenção ao seu pensamento. Assim, parece particularmente interessante a nova história da economia política, recém-publicada na França, a qual dedica um terço de sua extensão ao socialismo, na qual especialmente o pensamento de Marx é submetido a uma análise detalhada.

Entretanto, caso se queira deduzir do espaço proporcionalmente grande dedicado pelo professor francês às teorias socialistas a compreensão dele dessas teorias, cometer-se-á um erro radical. Não somos de nenhum modo favorecidos na Alemanha pela sabedoria catedrática sobre

---

81. N. da T.: Em francês, *Histoire des doctrines économiques*. Joseph Ramabaud (1849-1919) nasceu e morreu em Lion, onde lecionava.





questões sociais. A ignorância sobre as leis da economia social em geral e, especialmente, as incompreensões inacreditáveis em relação à teoria do socialismo científico já se tornaram parte da profissão entre os professores alemães. Por aí, deduz-se que seus irmãos de profissão franceses se igualam a eles em todas essas propriedades. A base sobre a qual a flor da ignorância burguesa oficial floresce nas coisas econômicas é mesmo *geral*, ela não está na Alemanha ou na França, mas no atual estágio de todo o desenvolvimento burguês. A diferença é apenas que, enquanto a asneira professoral alemã se veste de formas discursivas obscuras e eruditas, a francesa ao menos é elegante na forma e muito agradável, como chantili. Infelizmente, essa maneira amável especificamente francesa de apresentar o absurdo dá uma impressão especialmente cômica na exposição e crítica de Marx.

“Marx é um escritor prolixo, cuja profundidade aparente com frequência não passa de uma ilusão da escuridão”, diz o professor francês na introdução de sua crítica a Marx, “depois que o terceiro volume d’*O Capital* apareceu no ano de 1897 e apresenta nada mais que a repetição do primeiro volume”. O pobre não se aproximou evidentemente do terceiro volume do “prolixo” Marx e nem chegou perto da teoria marxiana do lucro, juros e rendas. Mas isso não o impede minimamente de apresentar e negar o pensamento de Marx descaradamente.







A pedra fundamental do socialismo científico, diz Rambaud com razão, é a teoria do valor de Marx, segundo a qual o trabalho é o único fator formador de valor. “E a conclusão disso é (segundo Marx!) que todo o valor ou preço das mercadorias produzidas deve competir ao trabalhador”. Um professor burguês de economia política não é obrigado, naturalmente, a saber que ninguém recusou mais forte e ferreamente, a partir da teoria do valor trabalho, a dedução do chamado direito do trabalhador ao produto total do trabalho do que o próprio Marx<sup>82</sup>. Obviamente, ele [Rambaud] tem a mesma aversão à teoria do valor trabalho que seus colegas alemães, austríacos e americanos na cátedra: o trabalho não deve ser reconhecido como o único formador de valor, pois aí os trabalhadores, segundo esses senhores, poderiam tirar reivindicações muito perigosas. Constrói o valor de uma mercadoria, a necessidade, a vontade de usar, a dor da abdicação da mercadoria, em uma palavra, o mesmo velho palavreado para enfeitar com erudição toda uma “teoria subjetiva do valor”, que estava reservada aos professores de língua alemã na Áustria<sup>83</sup>.

---

82. N. da T.: Rosa Luxemburgo refere-se aqui ao fato de que a questão não é a divisão do produto total do trabalho, mas a propriedade privada dos meios de produção no capitalismo, esta é que deve ser socializada.

83. N. da T.: A Escola Austríaca é formada por um grupo de economistas, professores da Universidade de Viena entre o final do século XIX e início do século XX (Carl Menger, Friedrich von Wieser, Eugen von Böhm-Bawerk) e desenvolvida por economistas posteriores como Ludwig Edler von Mises e Friedrich August von Hayek. Menger definiu o princípio da utilidade marginal como sendo aquela





“Aqui”, diz Rumbaud, “a escola austríaca e as análises refinadas de *Jevons*<sup>84</sup> e *Karl Menger*<sup>85</sup> prestaram um serviço concreto ao contraporem à teoria de Marx outra teoria tão metafísica e complicada quanto a dele, mas muito mais importante e totalmente livre de consequências perigosas”. Da mesma forma curta e concisa, é criticada outra pedra fundamental da teoria marxiana, a teoria da mais-valia. A mais-valia (Rumbaud escreve entre parênteses para uma explicação mais precisa e literal em alemão “*Mais-valia ou Plusmacherei*”<sup>86</sup>!) não é trabalho não pago do assalariado, como Marx afirma, pois muitos empresários entraram em bancarrota, apesar de eles supostamente arrancarem a

---

porção menos desejável de um bem e que define o valor. Assim, a escola austríaca, também chamada de marginal, definiu o valor em outros termos, baseados mais em questões psicológicas, nas relações dos indivíduos com as coisas e a satisfação de suas necessidades. Ver: SANDRONI, Paulo. *Novíssimo Dicionário de Economia*. São Paulo, Editora Best Seller; Círculo do Livro, 1999.

84. N. da T.: William Stanley Jevons, economista britânico da escola marginalista, nasceu em 1835 e morreu em 1882. Foi professor de lógica em Manchester e de economia política em Londres. Negava a teoria do valor trabalho, apresentando uma teoria da utilidade marginal. O trabalho empregado na produção se extinguiria nela mesma, o valor seria definido pela utilidade do produto, quanto capaz este seria de satisfazer a necessidades. Ver: SANDRONI, Paulo, *op. cit.*

85. N. da T.: Carl Menger, economista austríaco fundador da escola austríaca, nasceu em 1840 e morreu em 1921, professor de economia política na Universidade de Viena. Desenvolveu a teoria da utilidade marginal, a qual baseava toda a atividade econômica na ação dos indivíduos. As trocas ocorreriam por causa das diferentes avaliações destes indivíduos dos diversos produtos. Jevons desenvolveu a mesma teoria, mas de maneira independente, no entanto, ela foi melhor explorada por Menger. Ver: SANDRONI, Paulo, *op. cit.*

86. N. da T.: *Plusmacherei* seria aqui a economia produtora de mais-valia, voltada exclusivamente para a produção de mais-valia.





mais-valia. Depois desse comentário arrasador, o professor acha que deitou por terra todo o pensamento marxiano.

Por fim, ele nega a teoria geral marxiana do desenvolvimento da economia capitalista em socialista de maneira igualmente fácil e radical, como é de se esperar de um professor burguês, já que recebe seu salário também para isso, para demonstrar a seus alunos a inabalabilidade e perfeição da ordem existente.

Também poderia parecer como uma empreitada totalmente desnecessária e insossa, importunar um leitor de jornal social-democrata com trivialidades de um professor burguês passadas, desgastadas, emboloradas, ruminadas mil vezes. Só que com os últimos acontecimentos no partido perdemos o direito de passar com desdém presunçoso pelo disparate burguês em questões sociais. Quando se lê, por exemplo, os jornais nos quais demonstra o professor de economia política na Faculdade Católica em Lyon a incorreção da teoria do desenvolvimento de Marx, à primeira vista, acredita-se ter em mãos por engano o *Problemas do Socialismo* de Bernstein publicado no *Neuen Zeit*<sup>87</sup>. Imensamente semelhantes são os argumentos com os quais combate de um lado Bernstein a “teoria do colapso” e, de outro, o professor burguês-católico o futuro do socialismo.

---

87. N. da T.: Eduard Bernstein, Probleme des Sozialismus, em *Die Neue Zeit*, 15.1896-97, vol 1 (1897), n. 6, p. 164-171, n. 7, p. 204-213, n. 10, p. 303-311, n. 25, p. 772-782; vol 2 (1897), n. 30, p. 100-107, n. 31, p. 138-143.





Sobretudo: “A situação da classe trabalhadora elevou-se nos últimos tempos”, ela lucra com o incremento geral do capitalismo.

Ademais: a previsão de Marx de *concentração de capital não se confirmou*. A classe média não perece. Quase palavra por palavra, Rambaud repete Bernstein (ou o contrário?): “Nós não negamos de jeito nenhum que essa classe média se remodela, que cada vez mais de seus membros se transformem de empresários autônomos e comerciantes em trabalhadores assalariados”. No entanto, por outro lado, esse mesmo moderno desenvolvimento do grande capital cria toda uma série de novas possibilidades de existência para a classe média que, no limite, não desaparece, mas, ao contrário, prolifera-se.

E quais são, segundo o professor católico, os meios dessa “adaptação” capitalista? Novamente, em total acordo com Ed. Bernstein: *o crédito, as sociedades anônimas etc.*

Finalmente, Rambaud acredita assim como Bernstein que, para falar com este último, “o esforço dos trabalhadores para se livrarem do empresário não deveria ser tão grande”, que é muito mais vantajoso para eles tirarem proveito do incremento econômico geral em sua posição como trabalhador assalariado, do que assumir o risco e a inconveniência da direção autônoma da economia social etc.

Em uma palavra: a análise de Marx não se confirmou, o desenvolvimento econômico ocorreu de forma diferente da que ele havia previsto. Bernstein e Rambaud formulam em





unísson e diferem apenas formalmente em suas conclusões: *Bernstein* sobre a necessidade de trocar o socialismo revolucionário pelos esforços *reformistas*, o professor católico sobre a *incorreção do socialismo em geral*. Mais consequente é, entretanto, o professor.

Essa concordância na forma da interpretação entre um inimigo oficial reacionário da classe trabalhadora e adversário da social-democracia e um opositor social-democrata da “teoria do colapso”, isto é, da forma de luta revolucionária, basta como argumento poderoso *contra* este opositor e a favor da atual interpretação e tática do partido. Mas da mesma circunstância cresce atualmente a necessidade de apresentar aos círculos do partido as teorias ultrapassadas e rasas dos representantes burgueses da “ciência”. Deste modo, o partido protege sua base de ver algo novo e notável nas críticas social-democratas ao pensamento de Marx, críticas que são apenas uma repetição literal de frases velhas e gastas, com as quais qualquer professor obtuso burguês, em virtude da sua função, combate entra ano, sai ano, a social-democracia.

Sobre a característica do mais novo historiador da economia política e do socialismo, queremos ainda acrescentar que ele conhece das obras do socialismo científico, além d’*O Capital*, a obra *Da Utopia à Ciência*<sup>88</sup>, de Engels,

---

88. N. da T.: Friedrich Engels, *Die Entwicklung des Sozialismus von der Utopie zur Wissenschaft*, 1880. Em português, o título é *Do Socialismo Utopico ao Socialismo Científico*.





e *Frau*<sup>89</sup>, de Bebel, “um livro profundamente imoral, no qual ele prega a emancipação da mulher e sua igualdade com o homem na base da união livre e passageira”. Aliás, Rambaud já sabe citar a 28ª edição do livro imoral.

---

89. N. da T.: August Bebel, *Die Frau und der Sozialismus*, 1879. Essa obra teve grande circulação chegando a 52ª edição durante vida de Bebel, que morreu em 1913. Teve ainda muitas outras edições após sua morte.







# „Berliner Zeitung“

Freitag, den 20. Januar 1900

## Städtische Sparkasse

Die Sparkasse hat am 17. d. M. folgende Einlagen erhalten: ...

1000	100
500	50
200	20
100	10
50	5
20	2
10	1
5	0,5
2	0,2
1	0,1
0,5	0,05
0,2	0,02
0,1	0,01
0,05	0,005
0,02	0,002
0,01	0,001
0,005	0,0005
0,002	0,0002
0,001	0,0001

Die Sparkasse hat am 17. d. M. folgende Einlagen erhalten: ...

Die Sparkasse hat am 17. d. M. folgende Einlagen erhalten: ...

1000	100
500	50
200	20
100	10
50	5
20	2
10	1
5	0,5
2	0,2
1	0,1
0,5	0,05
0,2	0,02
0,1	0,01
0,05	0,005
0,02	0,002
0,01	0,001
0,005	0,0005
0,002	0,0002
0,001	0,0001

Die Sparkasse hat am 17. d. M. folgende Einlagen erhalten: ...

Die Sparkasse hat am 17. d. M. folgende Einlagen erhalten: ...

1000	100
500	50
200	20
100	10
50	5
20	2
10	1
5	0,5
2	0,2
1	0,1
0,5	0,05
0,2	0,02
0,1	0,01
0,05	0,005
0,02	0,002
0,01	0,001
0,005	0,0005
0,002	0,0002
0,001	0,0001

Die Sparkasse hat am 17. d. M. folgende Einlagen erhalten: ...





CONSELHO CIENTÍFICO Carlos Antonio Aguirre Rojas  
Jean-Yves Mollier  
Lincoln Secco  
Marisa Midori Deaecto  
Plinio Martins Filho

CONSELHO EDITORIAL Adriana Carneiro Marinho  
André Tomio Lopes Amano  
Felipe Castilho de Lacerda  
Fernando Sarti Ferreira  
Rosa Rosa Gomes  
Vivian Nani Ayres

TÍTULO Fraude capitalista e outros escritos

AUTOR Rosa Luxemburgo

TRADUÇÃO E APRESENTAÇÃO Rosa Rosa Gomes

PREPARAÇÃO Fernando Sarti Ferreira

REVISÃO Adriana Carneiro Marinho  
André Tomio Lopes Amano

PROJETO GRÁFICO Adriana Carneiro Marinho  
Fernando Sarti Ferreira  
Rosa Rosa Gomes  
Vivian Nani Ayres

CAPA Vivian Nani Ayres

PÁGINAS 136

ANO 2021

